

ANA LÚCIA DOS REIS ROSÁRIA

**PRÁTICAS DESPORTIVAS INCLUSIVAS: UM
ESTUDO EM SÃO BRÁS DE ALPORTEL**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

2022

ANA LÚCIA DOS REIS ROSÁRIA

**PRÁTICAS DESPORTIVAS INCLUSIVAS: UM
ESTUDO EM SÃO BRÁS DE ALPORTEL**

Mestrado em Educação Especial: Domínios Cognitivo e Motor

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Doutor António Manuel da Conceição Guerreiro

Doutor Luís Pedro Vieira Ribeiro



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

2022

Práticas Desportivas Inclusivas: Um Estudo em São Brás de Alportel

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright

Ana Lúcia dos Reis Rosária

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor António Guerreiro, pela dedicação, disponibilidade e encorajamento. Agradeço igualmente ao Professor Doutor Luís Ribeiro.

Agradeço a todos os clubes e associações participantes no estudo, assim como, ao professor de educação física do Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas. A todos eles o meu mais sincero agradecimento por tornarem esta investigação possível.

Ao Agrupamento de Escolas pela disponibilidade.

Ao Gabinete de Desporto da Câmara Municipal de São Brás de Alportel que me facultou a lista de clubes e associações do concelho e respetivo contacto.

Agradeço à minha família pelo apoio, por respeitarem o meu tempo e por todos os dias me mostrarem que estão sempre comigo e que o caminho é a felicidade.

À Sara, que está comigo em todos os momentos.

Ao meu pai, que mesmo longe continua a iluminar-me.

Obrigada a todos.

Resumo

São Brás de Alportel é uma pequena vila que, segundo os censos de 2011, tem 10.662 habitantes, no entanto, apesar da pouca densidade populacional, as infraestruturas e acessos são bastante satisfatórios para a prática desportiva. Os objetivos deste estudo consistem em conhecer a realidade desportiva inclusiva de crianças e jovens com deficiência nas diferentes modalidades desportivas, que clubes e associações desportivas do concelho de São Brás de Alportel oferecem à população, assim como, compreender as práticas desportivas adotadas no Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas por parte dos Professores de Educação Física relativamente a alunos com medidas seletivas ou adicionais. A abordagem teórica prende-se às temáticas da inclusão social, os direitos das pessoas com deficiência, inclusão educativa, práticas desportivas e atividade física, desporto e deficiência. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, com uma abordagem interpretativa dos dados descritos. Os intervenientes neste estudo foram professores, treinadores ou dirigentes de dez clubes/associações do concelho e um professor de educação física do agrupamento de escolas. Os dados, recolhidos através de duas entrevistas semiestruturadas, aplicada aos dois contextos distintos, foram tratados através da análise de conteúdo. A análise dos dados obtidos aponta para a sensibilidade em relação ao tema deficiência, assim como a importância da prática desportiva por parte de crianças e jovens com deficiência e a criação de modalidades desportivas adaptadas. Contudo, não se perspetivam num futuro próximo o desenvolvimento dessas modalidades, uma vez que o que os clubes/associações referem é que caso sejam procurados por crianças/jovens e as suas famílias serão incluídos nas modalidades existentes, uma vez que até então essa procura é reduzida e o número de crianças/jovens com deficiência a frequentar as suas atividades é quase nulo. No agrupamento de escolas, as modalidades adaptadas são o boccia e a natação. Segundo o professor estas modalidades são insuficientes e não chegam a todos os alunos abrangidos por medidas seletivas ou adicionais. As dificuldades são sentidas no trabalho com estas crianças, uma vez que, a informação acerca dos alunos é insuficiente e a sua formação específica na área do desporto adaptado também. O envolvimento social de crianças/jovens com deficiência é algo que todos os inquiridos ressaltam a importância, referindo os benefícios e a necessidade de inclusão de pessoas com deficiência por parte de toda a sociedade.

Palavras-chave: Práticas Desportivas; Inclusão Educativa; São Brás de Alportel.

Abstract

São Brás de Alportel is a small village that according to the census of 2011 has 10,662 inhabitants. Despite the low population density, the infrastructures and access are quite satisfactory to the practice of sports. The objectives of this study is to know the inclusive sports reality of children and young people with disabilities in the different sports modalities. This will take into account what clubs and sports associations in the municipality of São Brás de Alportel offer to the population, as well as the understanding of the sports practices adopted in the José Belchior Viegas Schools Group by Physical Education Teachers regarding students with various disabilities (selective or additional measures). The theoretical approach relates to the themes of social inclusion, the rights of people with disabilities, educational inclusion, sports and physical activity, sport and disability. This is a qualitative study, with an interpretive approach to the described data. The participants in this study were teachers, coaches, or directors of ten clubs/associations in the municipality and a physical education teacher from the school group. The data was collected through two semi-structured interviews, applied to two distinct contexts, being in turn treated by content analysis. The analysis of the data obtained points to sensitivity regarding the theme – Disability – as well as to the importance of sports practice for children and young people with disabilities and the creation of adapted sports. However, the development of these modalities are not foreseen in the near future the Clubs/Associations state, that in case children/young people and their families who join them in activities, these will remain in the existing arrangements as the demand is reduced and the number of children/young people with disabilities attending the activities almost nil. In the school's group, the adapted modalities are bocce and swimming, however, according to the inquiry made by the teacher, this is insufficient and does not reach all students covered by selective or additional measures. When working with the children, it's hard, as the information about the students is insufficient and there is also a lack of specific training in the field of adapted sport. The social involvement of children/young people with disabilities is something of which all respondents emphasize the importance. They refer to the benefits and the need for inclusion of people with disabilities by the whole of society.

Keywords: Sports Practices; Educational Inclusion; São Brás de Alportel.

Índice

Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	4
Inclusão Social	4
Direitos das pessoas com deficiência	5
Inclusão Educativa	7
Práticas desportivas	14
Atividade Física, Desporto e Deficiência	17
Capítulo II – Enquadramento Metodológico	19
Questões e objetivos de investigação	19
Natureza da Investigação	21
Participantes	22
Instrumentos de recolha de dados	22
Análise dos Dados	24
Procedimentos Éticos	25
Capítulo III – Análise e Discussão de Resultados	26
Atividade Desportiva no Contexto dos Clubes/Associações	26
Caracterização dos Clubes/Associações	26
Panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel	27
Perceção das dificuldades	29
Envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade	31
Educação Física e Desporto no Contexto Escolar	39
Modalidades Adaptadas no Agrupamento de Escolas	40
Inclusão das Práticas Educativas em Educação Física	41
Atividades Desportivas Adaptadas em Contexto Não Escolar	43
Perspetivas Futuras para o Desporto Adaptado	45
Conclusões	49
Práticas Desportivas de Pessoas com Deficiência	50
Limites, Constrangimentos e Perspetivas Futuras	52
Referências Bibliográficas	54
Índice de Apêndices	57

Lista de Abreviaturas

AEJBV Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas

BTT Bicicleta Todo-o-Terreno

CMR SUL Centro de Medicina e Reabilitação do Sul

IPDJ Instituto Português do Desporto e Juventude

NEE Necessidades educativas específicas

Introdução

O desporto desempenha uma função relevante no desenvolvimento do corpo, pois é visto como algo benéfico na vida de todos, que contribui não só na manutenção da condição física e na prevenção de doenças como é ainda um impulsionador das relações sociais. Este, por sua vez, desempenha um papel importante na comunidade escolar, pois contribui para que a população mais jovem crie hábitos de vida saudável, desenvolvam espírito de grupo e se afaste de comportamentos desviantes.

Considerando que o desporto traz inúmeros benefícios aos seus praticantes e que desencadeia nos mesmos capacidades como a destreza física, maior controlo dos movimentos, controlo da frustração, aumento da resiliência, entre outros, importante será olhar para a universalidade da população e o quão importante é para pessoas com algum tipo de deficiência ou limitação terem nas suas rotinas a prática de exercício físico regular. É evidente que estamos perante a necessidade de criar condições adequadas para a prática de exercício físico por parte desta população específica de forma a contribuir para a inclusão social de todos.

O associativismo desportivo tem um papel importante na sociedade. Muito se defende a prática desportiva como algo benéfico e essencial ao desenvolvimento global da criança, sendo esta prática, na sua maioria das vezes iniciada em clubes e associações regionais. Estima-se que existem em Portugal cerca de 11.066 clubes desportivos (Pordata, 2020). Mais que formar atletas estes têm vindo a procurar dar respostas noutras áreas complementares à prática desportiva, detendo atualmente na sua estrutura, pessoas capacitadas dispostas a lidar com os diferentes desafios, pois muitos destes clubes apresentam orçamentos reduzidos e muitas vezes é o trabalho voluntário que colmata as necessidades sentidas.

Falar de inclusão nas escolas é falar de uma escola que receba todos os alunos e ofereça aprendizagens de forma diferenciadora, em que sejam feitas adaptações e acomodações curriculares e todos os alunos possam, ainda assim, usufruir de uma escola que se preocupa com as suas aprendizagens em que

a inclusão apresenta-se como um passo em frente para além da presença física e social do aluno nas escolas, como era suposto no paradigma da integração, mas também com a participação dos seus pares, com direito a intervenção e interações com os docentes e participação ativa na comunidade escolar (Rosa & Trindade, 2020, p. 29).

Neste sentido, promover a participação dos alunos com Necessidades Educativas Específicas nas aulas de Educação Física e no Desporto Escolar e fora deste contexto é algo imprescindível e necessário para o seu desenvolvimento. Com o presente estudo pretendemos analisar (i) a realidade desportiva no concelho de São Brás de Alportel no que respeita às modalidades desportivas desenvolvidas por clubes e associações e (ii) as estratégias adotadas no trabalho com crianças e jovens com deficiência nos clubes e associações. Pretendemos ainda compreender (iii) as estratégias adotadas por parte dos professores de Educação Física quando nas suas turmas têm crianças abrangidas por medidas seletivas ou adicionais.

Organizamos este estudo, para além desta introdução, em três capítulos e uma conclusão, nomeadamente, Enquadramento Teórico, Enquadramento Metodológico, Análise e Discussão dos Resultados. O primeiro capítulo aborda as temáticas da inclusão social e educativa, direitos das pessoas com deficiência, práticas desportivas, atividade física, desporto e deficiência. O segundo capítulo é composto por seis pontos, nomeadamente, questões e objetivos de investigação, natureza da investigação, participantes, instrumentos de recolha de dados, análise de dados e procedimentos éticos. No terceiro capítulo apresentamos a discussão dos resultados, assente nas diferentes dimensões, caracterização dos clubes/associações, panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel, perceção das dificuldades, envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade, modalidades adaptadas no agrupamento de escolas, inclusão das práticas educativas em educação física, atividades desportivas adaptadas em contexto não escolar e perspetivas futuras para o desporto adaptado. Esta discussão de resultados parte de duas dimensões principais sendo estas a atividade desportiva no contexto dos clubes/associações e a educação física e desporto no

contexto escolar. Nas conclusões procuramos interligar os resultados alcançados com a discussão teórica desenvolvida.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

Neste capítulo apresentamos o enquadramento teórico, evidenciando os conceitos de inclusão social, direitos das pessoas com deficiência, práticas desportivas e inclusão educativa.

Inclusão Social

Considerar-se normal é considerar a existência de outros, cujos atributos diferem dos que você elegeu para a anormalidade e, ao fazê-lo, promoveu a exclusão dos que desses atributos não partilham, ou apenas não são considerados como capazes de partilhar. Historicamente, os padrões de normalidade excluem a possibilidade de um indivíduo ter esta ou aquela deficiência, considerando a deficiência uma diferença e esta, uma razão de exclusão social (Martins *et al.*, 2006, p. 61).

Nesta linha de pensamento, podemos afirmar que a diferença substitui a deficiência, pois distanciou-se do normal. Esta é uma atitude imoral e de exclusão social, existindo assim a necessidade de transformar a sociedade numa sociedade ética, inclusiva e de pessoas humanas, em que façam da inclusão a participação de todos pelo todo, com todos (Martins *et al.*, 2006).

A inclusão social são as ações que procuram dar acesso aos benefícios da vida em sociedade, seja a nível de saúde, de educação, de emprego ou de direitos que todos os cidadãos possuem, a indivíduos que por algum motivo, nomeadamente, classe social, educação, deficiência, opção sexual, raça, encontram-se desfavorecidos em relação ao sistema vigente na sociedade. Falar de inclusão é envolver toda uma sociedade, compreendendo que cada indivíduo se desenvolve conforme as oportunidades da sociedade e da socialização construída, ou seja:

o indivíduo, ser biológico, se socializa, como aprende, desde pequenino e até no fim dos seus dias; como varia a conduta conforme as condições

sociais, no sentir, no perceber, no reter, no inventar; como vêm a organizar a sua personalidade e a possuir a consciência pessoal; como age com outras pessoas; como vive nas massas e multidões das quais venha a fazer parte e como vem a ser elemento da opinião pública (Dias, 2011, p. 4, citando Stoetzel, 1972).

Dias (2011) refere Costa (2003), assumindo que a inclusão social ocorre na medida em que o indivíduo vai interagindo nos vários sistemas ecológicos. Evidenciam-se assim, como principais sistemas em interação com o indivíduo: a escola, a família, os pares, a comunidade, a cultura.

Direitos das Pessoas com Deficiência

Todo o ser humano tem direitos básicos que lhe são atribuídos, independentemente da sua raça, religião ou condição social. Para conhecimento desses direitos, basta consultar a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Contudo, os cidadãos que possuem uma deficiência, seja ela congénita ou adquirida, seja criança ou adulto, têm direitos específicos, direitos esses que podem ter acesso no Guia Prático - Os Direitos das Pessoas com Deficiência em Portugal (2019).

Deficiente é considerado todo aquele que sofre de limitação ou anulação funcional que, porque definitiva, constitui uma deficiência. Por via de uma lesão sucede a destruição mais ou menos extensa de um componente estrutural do organismo, do que resulta a falta de uma habilidade ou capacidade de funcionamento que se designa por défice. Segundo a Organização Mundial de Saúde, deficiência representa qualquer perda ou alteração de uma função psicológica, fisiológica ou anatómica, de carácter temporário ou permanente (Fernandes, 2002, p. 14).

No Guia Prático, acima mencionado, podemos verificar a importância do atestado médico de incapacidade multiusos, que consiste num documento oficial, que comprova, que a pessoa tem uma incapacidade após avaliação de uma junta médica, realizada no âmbito das Administrações Regionais de Saúde. Este atestado, atribui à pessoa com deficiência uma percentagem comprovada da sua incapacidade, podendo então a pessoa com esse atestado atribuído, usufruir de benefícios ou direitos, tendo o mesmo por base.

Alguns dos direitos e ou benefícios surgem quando a mesma apresenta uma incapacidade superior a 60%, sendo que no mesmo Guia Prático - Os Direitos das Pessoas com Deficiência em Portugal surgem alguns benefícios mencionados que a pessoa com deficiência pode usufruir, tais como:

- Atribuição da Prestação Social da Inclusão;
- Proteção social e benefícios sociais;
- Benefícios fiscais;
- Bolsas de estudo no ensino superior;
- Assistência Pessoal no âmbito do Modelo de Apoio à Vida Independente;
- Transporte não urgente de doentes;
- Isenção de taxas moderadoras no Serviço Nacional de Saúde.

Existem ainda inúmeros apoios que a pessoa com deficiência pode adquirir, de forma a melhorar a sua qualidade de vida, nomeadamente, acesso a produtos de apoio, ao atendimento prioritário, a maior acompanhamento, entre outras que se devem fazer cumprir, dando assim uma melhor resposta às necessidades dos cidadãos com deficiência.

Na inter-relação da pessoa com deficiência e o meio ambiente que a rodeia, surgem consequências negativas, porque este não está preparado para a presença de limitações ou anulações funcionais. É na interação pessoa-

meio que a desvantagem se afirma. Assim, o meio pode mudar, pode tornar-se adequado, acessível à pessoa deficiente. O meio que rodeia a pessoa deficiente é a sociedade. Destruir a desvantagem implica mudar a sociedade (Fernandes, 2002, p. 17).

Assim, para que a nossa sociedade seja realmente inclusiva é necessário que abandone práticas e relações sociais discriminatórias, que mude atitudes e que se preocupe realmente com o outro, não olhando para a inclusão, mas somente para uma parcela que até então têm sido excluídos e que estão ligados à deficiência (Martins *et al.*, 2006).

Inclusão Educativa

Estima-se que 258 milhões de crianças, adolescentes e jovens, ou 17 % no total, não estão na escola. A pobreza afeta a frequência escolar, a conclusão e as oportunidades de aprendizagem (Relatório de Monitoramento Global da Educação – Resumo, 2020).

Educar, podemos afirmar, não é preparar as novas gerações para a estabilidade, mas para seguirem o fluir do tempo. Daí que à escola e aos professores se depare o desafio de assumirem em reforma permanente, para que possam corresponder à previsão de desenvolvimentos futuros: um verdadeiro ato de criação (Carvalho & Peixoto, 2000, p. 27).

Segundo a Declaração Universal dos Direitos do Homem de 10 de dezembro de 1948, o artigo 26.º refere que toda a pessoa tem direito à educação. Contudo, se o nosso foco for na incapacidade do aluno e não se respeitar as diferenças, dificilmente conseguiremos uma escola inclusiva, “pois a escola na sua génese não foi concebida para ser inclusiva”, assim “a inclusão só é verdadeira se feita com todos e para todos” (Antunes, 2018, p. 5) e “todos os alunos têm o direito de aprender juntos nas escolas das suas residências” (Correia, 2008, p. 17).

O conceito de Escola Contemporânea (Escola para Todos), que diz respeito à educação para todos, não corresponde ao conceito de Escola Inclusiva, que diz respeito à educação inclusiva, que assenta na formulação de respostas educativas eficazes para alunos com NEES nas escolas regulares (Correia, 2008, p. 19-20).

Na mesma linha de pensamento, o mesmo autor refere Hegarty (2006):

Não deve ser esquecido que a educação para todos é uma política educacional fundamental a nível nacional e global. É um palco para desenvolver esforços na reforma educacional e para aplicar fundos que proporcionem o seu desenvolvimento. É nossa missão assegurar que a educação inclusiva é reconhecida como parte da agenda da educação para todos. Assim, os interesses educacionais das crianças com deficiência e dificuldades de aprendizagem são contemplados nos progressos da educação para todos (Correia, 2008, p. 20).

Deste modo, “identificar e reconhecer a diversidade é percorrer o caminho da igualdade de direitos. Reconhece-se, hoje que todas as crianças têm características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagens que lhe são próprias” (Carvalho & Peixoto, 2000, p. 40). Neste sentido, “temos de construir uma escola em que todos tenham lugar, em que todos se sintam bem-vindos, uma escola que seja uma efetiva comunidade de aprendizagem em que todos – professores e alunos – aprendam e ensinem” (Rodrigues, 2017b, p.292).

Haverá, assim, uma necessidade de adaptação da educação à heterogeneidade dos alunos e para ser inclusiva uma escola não pode funcionar com práticas de uma escola tradicional concebida com um currículo único. É necessário reestruturar a escola, personalizando-a através de diferenciação e flexibilidade curricular, onde sejam valorizadas as diferentes formas de inteligência e de aprendizagem (Armstrong & Rodrigues, 2014).

A escola elementar tradicional era assumida como uma forma de ensino para todos os alunos, no entanto, sabe-se que os alunos com necessidades educativas específicas eram praticamente excluídos do sistema regular de ensino e só após o início do regime democrático, no caso português, houve uma preocupação em incluir e atender crianças com deficiência no sistema educativo regular.

Desde então, um longo caminho se tem percorrido, e embora o conceito de inclusão tenha sido alvo de equívocos constantes (Correia, 2008), o Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, vem solidificar a dimensão política de forma a existir um compromisso com a inclusão no sentido a que se respeitem práticas educativas e se definam medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão (Pereira *et al.*, 2018), respondendo às necessidades de todos e da cada um, defendendo que, “a existência de um processo que permita dar respostas adequadas às necessidades dos alunos com necessidades especiais é o primeiro passo para o seu sucesso educativo” (Correia, 2008, p. 21).

Contudo, foi em 1994, com a Declaração de Salamanca que a educação inclusiva teve avanços significativos, com a emergência da integração física dos alunos com NEE nas escolas públicas, o envolvimento académico e o acesso ao currículo (Rosa & Trindade, 2020). Os mesmos autores referem a inclusão como:

um passo em frente para além da presença física e social do aluno nas escolas, como era suposto no paradigma da integração, mas também com a participação efetiva na interação com os seus pares, com o direito a intervenções e interações com os docentes e participação ativa na comunidade escolar (Rosa & Trindade, 2020, p. 29).

Para Rodrigues (2017a),

a inclusão é um processo que procura que as pessoas adquiram e usem instrumentos – sejam eles de conhecimento, de interação, de códigos de conduta, etc., – que lhes permitam estabelecer relação paritária com

determinados grupos (...), isto significa que o papel da escola é o de identificar e trabalhar fatores que podem contribuir para o estabelecimento desta relação paritária ao mesmo tempo que elimina os fatores que se constituem como obstáculos (p. 12).

Segundo Rodrigues (2017b),

olhando para uma pessoa com deficiência parece óbvio que é preciso e necessário que alguns aspetos do currículo tenham que ser adequados e adaptados para ela. Não é, pois, de estranhar que, muitas vezes, a inclusão esteja centrada no processo social e escolar de pessoas com deficiência. Por vezes, ouvimos dizer que “esta escola não trabalha a inclusão porque não tem alunos com deficiência”. Nada mais errado: a inclusão é um valor transversal da escola e deve ser promovida para todos os alunos, tenham eles condições de deficiência ou não (p. 292).

Neste sentido, a inclusão baseia-se, portanto, nas capacidades e necessidades da criança, vista como um todo, e não apenas no seu desempenho académico, comparado tantas vezes com o desempenho académico do “aluno médio” (Correia, 2008, p. 12). Assim, a educação inclusiva contribuirá sobretudo para o bem-estar do aluno, focando-se na individualidade de cada um e não na generalização, tendo em vista a equidade, uma vez que em algum momento qualquer aluno pode ao longo do seu percurso escolar necessitar de suporte à aprendizagem, tendo em vista sempre o sucesso educativo de cada aluno, promovendo melhores aprendizagens e desenvolvendo competências. Rodrigues (2017a) defende que, se o foco for nas incapacidades do aluno, dificilmente poderemos levar a inclusão a prevalecer. É preciso também atuar sobre o ambiente e o contexto em que o aluno se encontra.

Para melhor dar resposta às necessidades dos alunos, surgem três medidas de gestão curricular a desenvolver com vista ao sucesso educativo de cada aluno, segundo o Decreto-Lei n.º 54/2018, 6 de julho:

“Acomodações curriculares - medidas de gestão curricular que permitem o acesso ao currículo e às atividades de aprendizagem na sala de aula através da diversificação e da combinação adequada de vários métodos e estratégias de ensino, de utilização de diferentes modalidades e instrumentos de avaliação, da adaptação de materiais e recursos educativos e da remoção de barreiras na organização do espaço e do equipamento, planeadas para responder aos diferentes estilos de aprendizagem de cada um promovendo o sucesso educativo;

Adaptações curriculares não significativas – as medidas de gestão curricular que não comprometem as aprendizagens previstas nos documentos curriculares, podendo incluir adaptações a nível de objetivos e dos conteúdos, através da alteração na sua priorização ou sequenciação, ou na introdução de objetivos específicos de nível intermédio que permitam atingir os objetivos globais e as aprendizagens essenciais de modo a desenvolver as competências previstas no perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória;

Adaptações curriculares significativas – as medidas de gestão curricular que têm impacto nas aprendizagens previstas nos documentos curriculares, requerendo a introdução de outras aprendizagens substitutivas e estabelecendo objetivos globais ao nível dos conhecimentos a adquirir e das competências a desenvolver, de modo a potenciar a autonomia, o desenvolvimento pessoal e o relacionamento (Artigo 2.º).

Estas medidas são esclarecedoras face às adaptações que podem ser necessárias para garantir o sucesso educativo, tendo em vista o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória, e uma vez que assume um carácter inclusivo, garantindo a todos os jovens que concluem a escolaridade obrigatória, independentemente do percurso formativo. No entanto, por muito completo que possa ser um decreto, ele por si só não fará um trabalho inclusivo dos alunos. “Um professor sozinho, sem apoio, sem a cooperação dos seus colegas dificilmente poderá ser capaz de responder capazmente aos desafios que a escola de agora lhe coloca” (Rodrigues, 2017b, p. 291).

Garantir a aprendizagem de todos os alunos é um desafio para todos os docentes, pois “nenhuma meta de educação deverá ser considerada cumprida a menos que tenha sido atingida por todos” (Rodrigues, 2017b, p. 285). “Se o professor não aprender e só ensinar, é um profissional incompleto e sujeito a um rápido esgotamento dos seus recursos” (Rodrigues, 2017b, p. 290). O professor de educação especial deve ser capaz de adequar o currículo de modo a facilitar a aprendizagem da criança com NEE, solicitar apoio suplementar para que o aluno tenha sucesso dentro e fora da sala de aula, modificar as avaliações para que o aluno consiga mostrar o que aprendeu e estar alerta em relação a outros aspetos que possam contribuir para o ensino individualizado e que melhor responda às necessidades do aluno (Correia, 2008). Falar de equidade, não significa o mesmo que dar as mesmas oportunidades a todos, como era preocupação antigamente:

Hoje sabemos que a equidade, a justiça social, pressupõe que o que se oferece seja compatível com as características e possibilidades de quem recebe. Por isso, aceitar que a equidade é um valor educativo renega a procura da homogeneidade, dos currículos de mão única, a utilização da reprovação como forma de exclusão primeira escolar e depois social (Rodrigues, 2017b, p. 293).

O professor tem assim, um papel fundamental no que respeita à educação inclusiva, uma vez que vai encontrar na sua sala uma enorme diversidade. Cabe ao professor adaptar o currículo indo ao encontro das necessidades de cada aluno,

incluindo os alunos com NEE. A adaptação de um currículo deve ser concebida para a criança, e não a criança para o currículo, tendo em vista as capacidades e interesses distintos (Declaração de Salamanca, 1994). Assim, a escola deve proporcionar ao aluno todo o apoio que este precisar, sendo que dispõe de estratégias e dinâmicas para preparar a transição para a vida pós-escolar de todos os alunos.

Fernandes (2002) defende que, para ser possível “atingir uma alta qualidade na intervenção integrada especial, é necessário desenvolver um trabalho de equipa abrangente, voltada para a diferenciação utilizando estratégias específicas de intervenção pedagógica” (p. 19).

“A equipa multidisciplinar tem um papel crucial na sensibilização para a educação inclusiva assegurando que a escola adota uma visão estratégica, missão, princípios e valores orientados para a inclusão” (Pereira *et al.*, 2018, p. 45). Esta equipa, “constitui um recurso organizacional específico de apoio à aprendizagem, tendo em vista uma leitura alargada, integrada e participada de todos os intervenientes no processo educativo” (idem, *ibidem*, p. 44).

Os mesmos autores enumeram as competências da equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva da seguinte forma:

1. Sensibilizar a comunidade educativa para a educação inclusiva;
2. Propor as medidas de suporte à aprendizagem e mobilizar;
3. Acompanhar, monitorizar e avaliar a aplicação de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão;
4. Prestar aconselhamento aos docentes na implementação de práticas pedagógicas inclusivas;

5. Elaborar o relatório técnico-pedagógico previsto no artigo 21.º e se aplicável, o programa educativo individual e o plano individual de transição previstos, respetivamente, nos artigos 24.º e 25.º;
6. Acompanhar o funcionamento do centro de aprendizagem (p. 45).

O papel dos pais e encarregados de educação é bastante importante no processo educativo dos alunos. O Decreto-Lei n.º 54/2018 reforça o estatuto dos pais, sendo que estes têm o direito e o dever de estarem envolvidos em tudo o que se relacione com a educação do seu filho ou educando.

Neste sentido, podemos afirmar que todos contribuem e são importantes para a evolução do aluno e que deve ser mantida sempre a articulação entre professores, pais e sempre que possível o próprio aluno (Pereira *et al.*, 2018).

Práticas Desportivas

A prática desportiva tem vindo a ser entendida como algo benéfico na vida da população. Inúmeras vantagens têm surgido e cada vez mais a preocupação com o aspeto físico e com a saúde têm suscitado um maior interesse na prática do desporto.

A falta de atividade física favorece a ocorrência de excesso de peso, de obesidade e de algumas patologias crónicas, como as doenças cardiovasculares e a diabetes que diminuem a qualidade de vida, põem em risco a vida dos indivíduos e sobrecarregam os orçamentos da saúde e da economia. Segundo a Organização Mundial de Saúde, 30 minutos diários de atividade física é o mínimo recomendado para um adulto e 60 minutos para uma criança (Livro Branco Sobre o Desporto, 2007).

As sociedades são constituídas por indivíduos, e estes comportam interesses diversificados, assentes em valores distintos, logo os valores que são transmitidos pela instituição escolar não são neutros, e expressam antes de tudo aqueles que apresentam como dominantes. Tal como acontece nas

diferentes áreas curriculares, a educação física constitui-se como a disciplina que deverá veicular os valores da cultura física, que deve dotar de conhecimento e de competência dos alunos, para que estes possam exercitar-se neste mesmo domínio (Marivoet, 2002, p.67).

Sendo a inatividade um dos fatores de surgimento de doenças crónicas, e existindo a necessidade de se criarem estilos de vida saudáveis, a Organização Mundial Saúde recomenda a adoção de instrumentos estratégicos nesta área que facilitem a organização dos serviços, a formação de profissionais e a distribuição de recursos para a promoção da atividade física e, por outro lado, que sejam criadas condições para que existam ambientes promotores de atividade física nos locais onde as pessoas vivem e trabalham e que reconheçam as vantagens de ter um estilo de vida mais ativo, diminuindo o sedentarismo (Silva *et al.*, 2016, p. 6).

A Estratégia Nacional para a Promoção da Atividade Física, da Saúde e do Bem-Estar visa consciencializar a população portuguesa para baixos níveis de sedentarismo, mantendo-se ativos, vivendo o maior número de anos livres de doenças. Pretende-se ainda que sejam criadas condições de forma a serem conhecidas as vantagens para a saúde ao adotarem comportamentos fisicamente ativos, diminuindo assim, o sedentarismo e aumentando os níveis de atividade física (Silva *et al.*, 2016).

O Programa Nacional para a Promoção da Atividade Física em Portugal vai mais longe e, em 2020, com o lançamento de novas recomendações por parte da Organização Mundial de Saúde no que respeita à Atividade Física e ao Sedentarismo, este programa lança informações diferenciadoras a que toda a população pode ter acesso, fazendo ênfase às doenças crónicas em que a atividade física é um enorme aliado para a sua melhoria.

Segundo Marivoet (2000), surgiram movimentos na sociedade civil após a crise da sociedade industrial que contribuíram para que fossem valorizados o lazer e o tempo livre, reforçando o interesse dos sociólogos relativamente às práticas desportivas. Assim, defendia-se que a prática desportiva deveria ser generalizada a toda a população, sendo que novos ideais perspetivavam que a prática desportiva

regular contribuía para a recuperação da fadiga causada pelo trabalho, aumento da produtividade e a diminuição de gastos públicos relacionados com a saúde.

Foram realizados estudos relativamente à prática desportiva na sociedade portuguesa entre 1988 e 1998, sendo que no estudo realizado em 1988 com pessoas entre os 15 e os 60 anos, em cada cem pessoas, 27 exerciam uma prática desportiva, no entanto, somente 22 de forma regular e desses, 16 de forma organizada. Neste estudo, 3% praticavam desporto federado de competição, 24% no âmbito do lazer, entre os quais 13% de forma organizada e 19% de forma regular. Assim, dos 27% de praticantes desportivos, 5% desenvolviam-se de forma ocasional, e 11%, de forma não organizada. A procura não satisfeita registada foi de 5%, impondo um fator de expansão no valor de 20%. Em 1998, a análise à população foi feita entre os 15 e 74 anos, verificando-se que para esse conjunto da população, 23 em cada cem portugueses eram praticantes desportivos, 3% destes desejavam praticar diferentes modalidades além das praticadas, 4% mostraram interesse em iniciar uma prática desportiva futuramente (Marivoet, 2000).

Segundo a mesma autora, estudos, quer nacionais quer internacionais, identificam que os hábitos desportivos, variam conforme a idade, o género, a escolaridade e o estatuto socioprofissional. Porém, no estudo realizado em 1998, em cada cem homens, 34 praticam desporto, e as mulheres, numa amostra de 52%, 14% praticam desporto. No mesmo estudo, verifica-se ainda que a maior adesão à prática desportiva surge por parte dos mais jovens, sendo a partir dos 35 anos que as participações desportivas diminuem. Contudo, a condição física e a saúde são os fatores principais que levam a população à prática desportiva, e aqueles que não praticam enumeram a falta de tempo como principal razão da não prática.

Em Portugal, o aumento de praticantes inscritos em federações desportivas é notório, e recorrendo a dados apresentados pelo site PORDATA, em 2019, os atletas inscritos em federações desportivas eram 688.894, com um crescendo bastante significativo a partir do ano de 1996. De acordo com o inquérito Eurobarómetro de novembro de 2004 referido no Livro Branco Sobre o Desporto (2007), “aproximadamente 60% dos cidadãos europeus participavam regularmente em atividades desportivas, integrados ou não nos cerca de 700.000 clubes existentes” (p. 3).

Atividade Física, Desporto e Deficiência

Segundo os censos de 2001, existiam em Portugal 636 059 indivíduos com deficiência, nomeadamente deficiência visual, motora, mental, paralisia cerebral, ou outras não especificadas

Couto, Cunha e Sousa (2020) referem a World Health Organization (2011) no que respeita à inatividade física elevada por parte de pessoas com deficiência. Contudo, a participação de pessoas com deficiência em atividades de caráter físico é bastante importante, pois não só contribui para a inclusão social como todos os outros benefícios inerentes à sua prática. Os mesmos autores referem Martin (2013) e Shields *et al.* (2012) relativamente às barreiras que a pessoa com deficiência enfrenta e que dificulta a prática de atividade física, que podem ser, a nível pessoal, social, ambiental e organizacional, assim como o papel das famílias, que por vezes pode ser também uma barreira ou um elemento facilitador.

Os mesmos autores referem ainda que, “a participação de pessoas com deficiência na atividade física está muitas vezes dependente do papel desempenhado pela família nesta participação” (Couto, Amaral & Sousa, 2020, p. 42).

Inicialmente o desporto para pessoas com deficiência foi concebido para fins terapêuticos e recreativos, no entanto, atualmente apresenta características próprias do alto rendimento (Marques *et al.*, 2015). Assistimos a um panorama diferente, pois muitas são as modalidades disponíveis, segundo a Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência, que estas pessoas podem praticar a nível federado, embora muitos clubes e associações, ainda não ofereçam estas modalidades organizadas a nível adaptado.

A chegada do profissionalismo mais acentuado no desporto paralímpico nas últimas décadas gerou mudanças nos objetivos do movimento que lhe deu origem. Inicialmente centrado apenas no empowerment (empoderamento), abriu-se a perspetiva de mercado e comercialização do

desporto (Marques & Gutierrez, 2014; citado em Marques *et al.* 2015, p. 124).

Ao falarmos das diferentes temáticas podemos constatar que a inclusão social deve andar de mãos dadas com todas elas, pois falar de inclusão é incluir todos os cidadãos em tudo o que os rodeia, sejam estes portadores ou não de uma deficiência, sendo que cidadãos com deficiência detêm outros direitos além dos cidadãos ditos normais, devido à sua condição. A prática de uma atividade física ou desportiva é tanto ou mais importante num cidadão com deficiência, pois além dos benefícios inerentes à sua prática a nível físico, facilita toda a sua inclusão e participação na sociedade. Estamos cientes dos desafios da inclusão educativa, mas que por sua vez deve ser voltada para a participação de todos os alunos em todos os contextos educativos.

Capítulo II – Enquadramento Metodológico

Neste capítulo apresentamos o enquadramento metodológico, onde referimos as metodologias adotadas, tendo por base os objetivos do estudo, sendo que o mesmo assenta numa abordagem qualitativa. Serão apresentadas as questões de investigação, assim como os objetivos e os participantes. Daremos a conhecer os instrumentos e as etapas inerentes ao mesmo, e por fim como foi realizada a análise dos dados obtidos, tendo em conta os princípios éticos.

Questões e Objetivos de Investigação

Este estudo partiu das seguintes questões iniciais de investigação:

- (i) Os clubes e associações do concelho de São Brás de Alportel têm nas suas atividades crianças com deficiência?
- (ii) Estarão os clubes e associações preparados para receber crianças com deficiência?
- (iii) As famílias das crianças com deficiência procuram inseri-las numa atividade desportiva em contexto não escolar?
- (iv) Como é realizado o trabalho, por parte dos professores, treinadores ou dirigentes, com crianças com deficiência, que prestam serviço nos clubes e associações do concelho?
- (v) O Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas procura dar respostas às necessidades dos alunos abrangidos com medidas seletivas ou adicionais relativamente à prática desportiva?

A partir das questões de investigação, definimos como objetivos gerais os seguintes:

- (i) Conhecer a realidade desportiva relativamente a oferta desportiva de associações e clubes desportivos do concelho São Brás de Alportel no que respeita a prática desportiva inclusiva por crianças e jovens com deficiência ou limitações;

- (ii) Conhecer a perspetiva dos dirigentes/formadores das associações e clubes desportivos e dos professores de educação física de São Brás de Alportel no que respeita ao papel da sociedade na deficiência;
- (iii) Conhecer as práticas desportivas adaptadas adotadas por professores de educação física relativamente a alunos abrangidos por medidas seletivas ou adicionais que frequentam o Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas.

Como objetivos específicos determinámos os seguintes:

- (i) Conhecer a oferta desportiva e a realidade do desporto adaptado no concelho de São Brás de Alportel;
- (ii) Conhecer as dificuldades sentidas por parte de professores, treinadores ou dirigentes para dar resposta às necessidades das crianças/jovens com deficiência ou limitações em clubes e associações;
- (iii) Conhecer a realidade e as dificuldades, no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações no Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas;
- (iv) Conhecer as diferentes perspetivas no que diz respeito à implementação de modalidades físicas adaptadas no concelho de São Brás de Alportel.

Através dos objetivos específicos pretendemos fazer um levantamento da oferta desportiva, mas também do número de crianças e jovens a praticar modalidades desportivas com ou sem deficiência no concelho de São Brás de Alportel. Queremos ainda conhecer as dificuldades sentidas por parte dos profissionais no trabalho que desenvolvem com crianças e jovens com deficiência. Por fim, pretendemos conhecer a opinião dos entrevistados relativamente ao papel da sociedade na deficiência e verificar se existem projetos futuros na área da deficiência por parte de clubes e associações desportivas do concelho São Brás de Alportel.

Natureza da Investigação

Este estudo tem por base uma natureza qualitativa, uma vez que tem como objetivo conhecer uma realidade social, da qual partiu de um interesse próprio relativamente à temática do mesmo. Os pressupostos básicos adaptam-se às finalidades da pesquisa, sendo estes de natureza descritiva e interpretativa.

À investigação qualitativa foram atribuídos significados diferentes ao longo dos seus momentos históricos. Para Aires (2015),

a investigação qualitativa insere-se hoje em perspetivas teóricas, por um lado, diferenciadas e, por outro lado, coexistentes e recorre ao uso de uma grande variedade de técnicas de recolha de informação como materiais empíricos, estudo de caso, experiência pessoal, história de vida, entrevista, observação, textos históricos, interativos e visuais que descrevem rotinas, crises e significados na vida das pessoas. A escolha das ferramentas a utilizar depende das estratégias, métodos e materiais empíricos disponíveis; a seleção das práticas de pesquisa é realizada em função das questões levantadas e estas, por sua vez, surgem do contexto em análise. Os investigadores qualitativos estudam os fenómenos nos seus contextos naturais (p. 13).

O processo de investigação qualitativa, resume-se como uma “trajetória reflexiva e complexa que vai do campo ao texto e do texto ao leitor” (Aires, 2015, p.16).

O investigador faz a pesquisa no terreno, para obter informação, orientando-se por duas persuasões básicas: persuasão científica que define e descreve a natureza da realidade social, e persuasão epistemológica que determina e orienta o modo de captar e compreender a realidade (idem, ibidem).

Assim, a pesquisa qualitativa contribui para que exista um contacto direto com os participantes no estudo de forma a compreender a realidade com que os mesmos se deparam.

Participantes

Os participantes neste estudo são treinadores, professores ou dirigentes de dez associações ou clubes do concelho de São Brás de Alportel e um professor de educação física do Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas. Existem em São Brás de Alportel vinte e dois clubes e associações e oito professores de educação física no agrupamento de escolas. Os dados recolhidos decorrem da disponibilidade manifestada por dez, num universo de vinte e dois, clubes e associações desportivas e pelo professor coordenador do desporto escolar no agrupamento escolar. Cada associação ou clube está numerada de um a dez, e o professor do agrupamento é apresentado como Manuel (nome fictício), tem trinta anos de serviço, vinte dos quais como docente em São Brás de Alportel. Os clubes e associações variam não só em termos de oferta desportiva, mas também de início das suas atividades, sendo que o clube mais recente tem nove anos e o mais antigo tem cinquenta e dois anos.

O estudo centrou-se nos clubes e associações do concelho de São Brás de Alportel, de forma a conhecer a oferta desportiva, assim como, o número de atletas com ou sem deficiência. Embora o número de atletas com deficiência a praticar as atividades nos diferentes clubes e associações seja reduzido, e de momento alguns não têm atletas com deficiência a praticar as modalidades, oito dos dez entrevistados já tiveram crianças ou adultos com algum tipo de deficiência ou limitação inseridos nas suas atividades desportivas.

Instrumentos de Recolha de Dados

O instrumento de recolha de dados selecionado foi a entrevista semiestruturada, pois esta permite que sejam recolhidos dados importantes, que podem ser quantitativos e qualitativos, e ainda possibilita a adaptação da entrevista de acordo com o rumo da mesma: “As entrevistas permitem que o investigador estabeleça uma relação com o entrevistado de forma a ter acesso a informações relevantes para a investigação o que permite a descrição dos

fenómenos, e é muitas vezes associada à investigação qualitativa” (Reis, 2022, p.91). Assim, a entrevista permite ao investigador explorar algo que desconhece através do aprofundamento de assuntos de forma a entender conteúdo em análise (Reis, 2022):

Na entrevista semiestruturada, o investigador segue, de forma aleatória, um conjunto de questões provenientes de um quadro teórico combinando perguntas abertas e fechadas, de forma a aprofundar a evolução da população em estudo. (...). A entrevista e o raciocínio podem ser interrompidos com uma outra questão, de modo a distinguir a informação que se pretende recolher (Reis, 2022, p. 94).

A entrevista aplicada em clubes e associações do concelho foi estruturada em seis blocos (Apêndice I), distribuídos do seguinte modo: (A) legitimação da entrevista e motivação do entrevistado, em que pretendemos dar a conhecer as linhas gerais da entrevista e solicitar a colaboração do entrevistado, fazendo ênfase à importância da sua colaboração e total confidencialidade das informações partilhadas; (B) caracterização do clube/associação do concelho, em que pretendemos conhecer o clube/associação; (C) caracterização da prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel, em que pretendemos conhecer a realidade do desporto adaptado; (D) gestão da universalidade, em que pretendemos conhecer a realidade da associação/clube no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações; (E) importância da prática desportiva adaptada, em que pretendemos conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência; e por último (F) finalização da entrevista, em que finalizamos a entrevista com um agradecimento, salientando a importância da participação, assim como, a partilha dos dados.

A entrevista aplicada a um professor do Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas, foi igualmente estruturada em 6 blocos (Apêndice II), sendo distribuídos da seguinte forma: (A) legitimação da entrevista e motivação do entrevistado, em que pretendemos dar a conhecer as linhas gerais da entrevista e solicitar a colaboração do entrevistado, fazendo ênfase à importância da sua

colaboração e total confidencialidade das informações partilhadas; (B) caracterização do recurso profissional, em que pretendemos conhecer o percurso profissional do entrevistado; (C) caracterização da prática desportiva inclusiva no AEJBV, em que pretendemos conhecer a realidade do desporto adaptado no AEJBV; (D) Gestão da universalidade, em que pretendemos conhecer a realidade no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações no AEJBV; (E) importância da prática desportiva adaptada, em que pretendemos conhecer a perspectiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência, e por último; (F) finalização da entrevista, em que finalizamos a entrevista com um agradecimento, salientando a importância da participação, assim como, a partilha dos dados.

Neste sentido, foram realizadas três entrevistas presenciais onde só uma delas foi possível recorrer à gravação da mesma, quatro através do zoom com recurso à gravação áudio, uma via telefone e três enviadas e recebidas por email. Todos os participantes foram contactados previamente, tendo-se agendado a realização das mesmas, esclarecido o motivo do contacto e solicitado a colaboração no estudo. Aqueles que solicitaram o envio da mesma por email, foi posteriormente enviado guia da entrevista semiestruturada.

Análise dos Dados

A análise qualitativa dos dados pode ser definida como o processo que procura dar sentido à experiência humana, reduzindo, identificando padrões e dando sentido a grandes quantidades de informação, muitas vezes de fontes diferentes. Nesse processo, o investigador pretende concretizar um objetivo de investigação, dando resposta a uma questão de investigação (ou mais), regra geral seguindo uma lógica indutiva. Trata-se de um processo em que, através de informações descritivas, se elabora uma explicação ou interpretação, mais ou menos desenvolvida e profunda (Rebolo *et al.*, 2021, p. 129).

O investigador qualitativo, segundo Denzin e Lincoln (citado em Rebolo *et al.*, 2021) utiliza “registos falados e escritos da experiência humana, nas quais se incluem conversas, filmes, romances e fotografias” (p.130). Após a sua recolha, esses registos são “geridos, analisados e interpretados” (p.130).

Nas entrevistas presenciais sem possibilidade de gravação áudio, assim como, na entrevista realizada por telemóvel, foram feitas as devidas anotações em papel e posteriormente transcritas em formato digital. A Entrevista presencial com gravação, foi posteriormente efetuada a transcrição da mesma em formato digital. Nas entrevistas realizadas via Zoom, foi feita gravação áudio e respetiva transcrição. Uma vez solicitado pelos participantes, foi enviado o guia da entrevista semiestruturada, assim como, o respetivo consentimento para três clubes e associações, e recebidas também via email para tratamento dos dados. Após transcrição das entrevistas, toda a informação recolhida foi organizada em tabelas (Apêndice III e Apêndice IV). Analisámos questão a questão de cada entrevistado, assim como o resultado geral em cada categoria apresentada. Demonstramos através de pequenos excertos das entrevistas as perceções dos participantes, assim como o entendimento do tema por parte dos mesmos.

Procedimentos Éticos

Para Flick (citado em Rebolo, *et al.*, 2021) “a ética tem vindo a ocupar um lugar de destaque em vários domínios científicos (...) sendo um requisito essencial para legitimar a investigação” (p. 53).

Assim, pretendemos destacar que, no que respeita aos procedimentos éticos desta investigação, tivemos o cuidado de esclarecer os objetivos definidos para esta investigação, salientando aos participantes a garantia da confidencialidade e sigilo, não referenciando nomes dos participantes nem dos respetivos clubes e associações, e tratando a informação recolhida com o máximo cuidado e rigor. Foi ainda solicitado a respetiva leitura e assinatura aos participantes de um consentimento, autorizando a sua participação no estudo e o respetivo tratamento dos dados pessoais por parte da Universidade do Algarve, para efeitos do estudo realizado na investigação, de acordo com os termos de informação sobre o tratamento de dados e a política de proteção de dados.

Capítulo III – Análise e Discussão de Resultados

Neste capítulo apresentamos os resultados da análise dos dados obtidos através das entrevistas semiestruturadas aplicadas em clubes e associações do concelho de São Brás de Alportel e a um professor de educação física do Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas.

Atividade Desportiva no Contexto dos Clubes/Associações

Dos dados recolhidos em clubes e associações iremos apresentá-los em quatro unidades de registo, nomeadamente, caracterização dos clubes/associações, panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel, perceção das dificuldades e envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade.

Caracterização dos Clubes/Associações

No que respeita à primeira unidade de registo, conseguimos verificar que, dos dez clubes/associações do concelho, o mais recente tem apenas nove anos de existência e o mais antigo tem cinquenta e dois anos. Muitas são as atividades que dinamizam, sendo elas: BTT, duatlo e triatlo, motociclismo, hipismo, hip-hop, dance hall, street defense kids, street defense avançado e artes marciais mistas (MMA), tiro com arco, ténis, futebol sénior e júnior, futsal sénior, ballet, ginástica acrobática, ginástica de iniciação, pilates, patinagem, body combat, ginástica de manutenção, boxe, kickboxing, muay thai e defesa pessoal. Dois dos clubes/associações inquiridos, dinamizam festas de verão, almoços convívio, jogos de futebol solteiros contra casados em datas comemorativas e passeios de ciclomotores antigos. Relativamente a recursos humanos, podemos afirmar que 50% dos clubes/associações têm profissionais a ser remunerados, onde alguns têm contrato de trabalho. Os restantes 50% têm colaboradores que desempenham as suas funções de forma voluntária, sem remuneração. No que diz respeito ao número de atletas representantes dos clubes/associações entrevistados, verificamos que segundo os dados facultados, são cerca de 550 atletas, sendo que são crianças/jovens e adultos.

Panorama do Desporto Adaptado em São Brás de Alportel

Relativamente a modalidades desportivas adaptadas, nenhum dos clubes/associações tem uma modalidade adaptada, nem direcionada para crianças/jovens com deficiência sendo que aqueles que dinamizam atividades desportivas vão pela integração e inclusão nas atividades já existentes.

Os clubes/associações referem que incluem as crianças/jovens com deficiência quando solicitados:

Não temos pensado em criar uma modalidade adaptada propositadamente, mas caso apareçam atletas temos todo o gosto em os acolher e dar uma resposta positiva face às necessidades [Clube/Associação 01].

Aquilo que fazemos é incluir [Clube/Associação 02].

O que temos feito é incluir quando essas crianças chegam até nós [Clube/Associação 03].

Nós tentamos incluir quem nos procura, já temos feito parcerias com associações com deficientes mentais e motores, assim como intervenções em escolas” [Clube/Associação 04].

Os clubes/associações apontam para o problema da dimensão na criação de modalidades adaptadas:

Não, porque é um grupo muito restrito [Clube/Associação 08].

Contudo, três dos inquiridos afirmam que já houve vontade de criar uma modalidade adaptada:

Tem sido nossa preocupação encontrar solução para um maior envolvimento da associação no desporto adaptado [Clube/Associação 07].

Não existindo uma modalidade adaptada, quando são procurados por uma criança/jovem e a sua família, tentam ir ao encontro das características do atleta:

Procuramos enquadrar dentro das atividades que promovemos, promovendo as devidas adaptações para o sucesso da integração da criança ou jovem [Clube/Associação 07].

Podemos constatar que os clubes/associações quando surge um atleta com deficiência ou limitação, incluem-no tendo em conta a sua oferta desportiva, sendo que dos dez clubes/associações, sete já foram procurados por crianças/jovens e a sua família para praticar as suas modalidades, contudo, de momento, só quatro clubes/associações têm atletas com deficiência a praticar as suas modalidades, e somente um atleta considerado criança/jovem, com 13 anos. Os restantes são adultos.

Os clubes/associações têm, ao longo dos anos, algumas situações de atletas com deficiência ou limitações:

Tivemos uma rapariga, mas, entretanto, ela saiu. Tivemos outro rapaz que nos falou do ciclismo, e eu disse que de momento não temos, é uma questão de falarmos e se realmente ele quiser temos todo o gosto [Clube/Associação 01].

E apresentam disponibilidade para acolher atletas com deficiências ou limitações:

Se nos procurarem, temos formação para isso, a federação apoia-nos, apoia-nos em termos de nos explicar o que é que é necessário. Porque depois há várias categorias, mas, em relação a treinos, nas crianças se houver alguém que tenha deficiência intelectual ou até de visão, porque já dá para fazer com aquelas bicicletas duplas. Sem visão vai a trás e o acompanhante vai à frente, fazem equipa. São integrados no grupo, os

treinos são adaptados, quando chegam à idade adulta é que há competição e atividades. Também porque agora é que vão aparecendo mais [Clube/Associação 01].

Perceção das Dificuldades

Em relação à formação, nomeadamente na área da deficiência e da educação especial, nenhum dos clubes apresenta profissionais com formação na área, embora alguns façam referência a pequenas abordagens ao tema nas formações específicas das modalidades como podemos constatar nas suas declarações:

Quando nós estamos a fazer o curso nível II eles falam algumas coisas, mas especificamente não [Clube/Associação 01].

Formação só eu tenho, eles estão no processo de formação. Na educação especial, só pequenas formações [Clube/Associação 03].

O treinador tem o nível III com alguma abordagem ao tema da deficiência. Tem uma pequena formação na área [Clube/Associação 06].

Todos os profissionais que colaboram connosco têm formação na área para a qual desempenham funções, quer sejam sociais ou desportivas, no entanto, não tenho conhecimento que algum tenha alguma formação adicional na área da deficiência [Clube/Associação 07].

Apesar de se verificar que os clubes/associações não têm profissionais com especialização na área da deficiência, os que já tiveram ou têm alguém com deficiência ou limitações tentam incluir, fazendo um trabalho que segundo os próprios consideram que não vá prejudicar o atleta e que o possa capacitar como podemos constatar nas declarações dos mesmos:

Era integrá-la no grupo...ela tinha muito medo... insegurança e a pouco e pouco fomos-lhe ensinando, para ela ter mais confiança, perder um pouco os medos e integrar-se e não se sentir à parte, procurando fazer tudo com eles, interagindo uns com os outros. As outras crianças eram compreensivas, sabiam que ela era diferente e ajudavam-na, incentivavam-na [Clube/Associação 01].

Pesquisa, e tentamos ver quais as necessidades que a pessoa apresenta e tentamos dar a melhor resposta nesse sentido [Clube/Associação 02].

O clube/associação 03 tem atualmente um jovem com deficiência com 13 anos a frequentar as atividades desportivas:

A primeira coisa que fazemos é a inclusão. Não os separamos do grupo, são mais um membro do grupo, ou seja..., com os prós e contras que isso tem, e tem, não vale a pena negar, agora por vezes acho que até devemos trabalhar mais com as outras crianças do que com eles próprios, porque se eles se sentirem integrados dão tudo o que têm e o que não têm, os outros é que os tentam por à margem. As crianças são cruéis, já tive situações que tive de intervir com as outras crianças [Clube/Associação 03].

O mais normal possível, eles compreendem através da exemplificação/demonstração [Clube/Associação 04].

Era na base da integração, inclusão no grupo [Clube/Associação 06].

Ele trabalha connosco, está lá a minha mulher com ele a ajudar, ele calça luvas, dá pontapés sentado. Fazemos o que intuitivamente achamos que não lhes vai fazer mal. Trabalhamos também com miúdos carenciados ou

aqueles miúdos mais problemáticos, também são integrados no grupo, não fazemos distinção, sujeitam-se às regras como é óbvio, habituam-se às regras e temos miúdos que já estão connosco há uma série de anos. Não fazemos um treino à parte para essas crianças, não as discriminamos de forma alguma, o grupo está preparado para os aceitar como membros como eles e temos feito um trabalho que eu considero muito positivo [Clube/Associação 08].

No entanto, e apesar de alguns dos clubes/associações ter ou já ter tido criança/jovem com deficiência ou limitação nas modalidades que dinamizam, nenhum dos oito clubes que têm competição levou um destes atletas a competição.

O clube/associação 04 tem um atleta, adulto com deficiência motora, e quando questionado acerca da gestão da equipa em contexto competitivo refere:

No nosso caso não temos nenhuma criança com deficiência, mas o adulto que temos é autónomo e o grupo tem um bom espírito de equipa [Clube/Associação 04].

O clube/associação 06, que nas suas atividades já chegaram a ter três atletas com deficiência ou limitação, mostram-nos que:

Dois deles não foram inscritos, não tinham capacidade e o outro a mãe não queria que fosse inscrito. Era surdo-mudo, mas não tinha dificuldades [Clube/Associação 06].

Envolvimento da Criança/Jovem com Deficiência na Sociedade

Acerca do envolvimento social das crianças/jovens na sociedade, todos os inquiridos demonstram apreensão com a temática, realçando a importância desse envolvimento na vida dessas pessoas:

Eu acho que é boa, penso que aqui não temos assim grandes problemas. Nas escolas que vou vejo os miúdos todos integrados, e acho que até a própria turma torna-se muito amiga, protetora. Da parte dos professores e mesmo dos pais acho que é um trabalho para eles se unirem e não haver distinções [Clube/Associação 01].

Quando solicitada a opinião acerca do envolvimento social das crianças/jovens com deficiência na sociedade, os clubes/associação referem:

Concordo, mas em relação à inclusão. No que diz respeito à escola tenho uma mãe que se queixa da inclusão da filha na escola. Frequenta classe regular, é tratada como uma criança igual às outras, mas na realidade apresenta necessidades específicas. Sinto que a sociedade está mais aberta, mas deve haver mais apoio [Clube/Associação 02].

Eu acho que muita coisa tem sido feita, mas ainda falta fazer muita coisa [Clube/Associação 03].

Maioritariamente são postos de lado, mas devem ser envolvidos a 100% [Clube/Associação 04].

Perspetivam uma maior inclusão no futuro, apesar da falta de apoios nos contextos desportivos, salientando que o envolvimento favorece todas as crianças:

Num futuro próximo iremos ter condições para receber todos [Clube/Associação 05].

É bom para eles, mas os apoios são poucos [Clube/Associação 06].

É extremamente importante, mais do que criar atividades adaptadas, assume uma maior importância na adaptação das modalidades existentes e no enquadramento das crianças e jovens nos grupos formados procurando promover a integração, beneficia a criança deficiente e beneficia a criança não deficiente [Clube/Associação 07].

Eu penso que o facto de eles se relacionarem com várias personalidades, várias pessoas, serem de uma forma ou de outra integrados, penso que não só em termos de motivação, mas também em termos de alguma destreza física, eles evoluem [Clube/Associação 08].

Consideramos que é de extrema importância esse envolvimento e felizmente cada vez mais se tem em conta o tema da inclusão [Clube/Associação 10].

O envolvimento social de crianças e jovens na sociedade é um direito enquanto cidadãos. Nesse sentido, falar da participação destes em atividades desportivas tem de ser algo normal e em evolução cada vez mais. Os clubes/associações têm um papel importante, assim como a escola e a família:

Considero que é importante e o trabalho nas escolas deveria ser de os encaminhar. (...) Perceber com os pais quais é que são as limitações deles e depois aconselhar e falar com os clubes. Olha o que é que podemos fazer com esta criança? [Clube/Associação 01].

Sim, deve estar integrada. [Contudo,] caso fosse uma criança em cadeira de rodas teríamos muita dificuldade e poderia fazer com que desmotivasse as outras crianças [Clube/Associação 02].

Também acho que ainda falta fazer muita coisa, principalmente da nossa parte, dos treinadores [Clube/Associação 03].

Todo o envolvimento destas populações quer em atividades desportivas como nas restantes, são fundamentais para a integração na sociedade, para termos uma comunidade inclusiva criando igualmente condições para a prática de atividade física de todos [Clube/Associação 07].

Eu sou uma pessoa muito rígida nos meus ideais, nos meus princípios e todos os meus alunos sabem quais poderiam ser as minhas reações. Mas de qualquer maneira nunca vi qualquer desagrado, eles aceitam muito bem. [Clube/Associação 08].

Sim, já tenho visto muitos, acho bem [Clube/Associação 09].

O desporto é essencial a uma vida saudável e para as crianças com deficiência, consideramos que é com certeza um meio de trabalho de determinadas capacidades muito eficiente [Clube/Associação 10].

A criação de modalidades desportivas adaptadas é algo em que os inquiridos não têm dúvidas e revelam a sua opinião de forma afirmativa para a criação das mesmas no concelho de São Brás de Alportel.

A criança praticar as modalidades das crianças normais, mas também as crianças normais praticarem modalidades adaptadas e terem contacto com a realidade [Clube/Associação 01].

É de extrema importância encontrar condições que proporcionem às crianças e jovens com deficiência o acesso à atividade desportiva, apesar de ser muito positivo a inclusão destas crianças e jovens nas atividades

regulares, sabemos que se torna mais fácil, mais acessível e mais motivante quando a atividade se destina em especial à sua condição. As modalidades desportivas adaptadas estão desenhadas de forma a possibilitar... [Clube/Associação 07].

Concordo. Há pais que não podem trabalhar, não têm onde os deixar [Clube/Associação 09].

O envolvimento das famílias levanta outra temática de extrema importância, relativamente ao apoio necessário que os pais precisam para garantir que os seus filhos têm tudo aquilo que é necessário, tendo em conta a sua condição, mas que os pais precisam de ter a sua vida, o seu emprego, a sua vida em sociedade também, de forma que os seus filhos não sejam seus reféns, mas também eles não sejam reféns dos filhos, existindo esta necessidade de equilíbrio.

Embora os clubes/associações do concelho de São Brás de Alportel tenham consciência da necessidade de desenvolver a prática desportiva adaptada, quando questionados acerca de projetos futuros relativamente ao desenvolvimento de práticas desportivas inclusivas no concelho, apenas um clube/associação, apresenta maior firmeza relativamente à questão, afirmando: “assim que as novas instalações estejam concluídas poderemos, e vamos certamente, desenvolver todo o tipo de atividades” [Clube/Associação 05].

O clube/associação 07, embora apresente preocupação tem tido algum envolvimento, mas não duradouro como refere:

Há alguns anos que temos vindo a nos envolver em várias parcerias com o Município de São Brás de Alportel e Centro de Medicina e Reabilitação do Sul no sentido de proporcionar atividades adaptadas quer de forma pontual ou com alguma regularidade, exemplo disso foi termos sido parceiros no Calendário Regional de Desporto Adaptado promovido pelo Instituto Português de Desporto e Juventude, pelo Município de São Brás

de Alportel e pelo Centro de Medicina e Reabilitação do Sul. Infelizmente... só durou dois anos, sei que há uma nova tentativa de reabilitação do projeto e que se, se proporcionar estaremos disponíveis para colaborar [Clube/Associação 07].

O mesmo clube/associação faz ainda referência à complexidade que a criação de uma modalidade adaptada pode ter:

As atividades desportivas adaptadas apresentam algumas dificuldades para o seu desenvolvimento, a mais importante é desde logo o baixo número de atletas circunscritos a uma zona/freguesia/concelho, a necessidade de alargar a área de intervenção da atividade levanta uma segunda dificuldade. O transporte e logística com o atleta, as dificuldades que em alguns casos levantam para fazer deslocar o atleta ao treino e a terceira dificuldade o elevado custo do material. A maior parte das associações não consegue encontrar financiamentos para a aquisição dos materiais necessários para a atividade, daí a importância em encontrar programas que possam financiar estes projetos. Esta situação levanta uma quarta dificuldade, muitas vezes esses financiamentos são temporais, o que faz terminar o projeto quando termina o prazo de financiamento. Este ziguezague constante retira credibilidade à atividade, causa frustração ao atleta e conseqüente abandono da atividade desportiva adaptada. Estamos, no entanto, atentos no sentido de encontrar solução para que possamos a breve tempo proporcionar um maior envolvimento destas crianças e jovens nas atividades desportivas, se possível adaptadas [Clube/Associação 07].

Atualmente, os clubes e associações não têm modalidades desportivas adaptadas, contudo, na sua maioria, não pensam em criar essas modalidades,

embora reconheçam a sua importância. Os mesmos tentam dar resposta às necessidades de quem os procura, incluindo nas atividades existentes, promovendo adaptações, sendo que, o facto de ser um grupo mais restrito trás algumas dificuldades na criação de condições adequadas para a prática desportiva adaptada.

A necessidade de se criarem modalidades desportivas adaptadas pode estar interligada com a procura da prática desportiva por parte de crianças e jovens com deficiência e as respetivas famílias, pois embora sete dos clubes referencie essa mesma procura, constatamos que o número não tem sido significativo, e aqueles que em determinado espaço de tempo tiveram inseridos em uma atividade, à exceção de um, abandonaram a sua prática.

No entanto, os clubes/associações mostram-se disponíveis para receber crianças e jovens com deficiência. A formação na área da deficiência é reduzida, sendo apenas referido pequenas formações e abordagens ao tema. Ainda assim, tentam dar respostas às necessidades encontradas, agindo muitas vezes por instinto e em poucos casos, alguma pesquisa.

Da nossa amostra, somente um clube tem uma criança/jovem com deficiência inserido nas suas atividades, e o entrevistado, apesar de referir a inclusão desse atleta, salienta as dificuldades já sentidas, referindo ter de intervir junto de outras crianças que tentam por este atleta à margem dos outros, afirmando que as crianças são cruéis. A inclusão da pessoa com deficiência na sociedade é imprescindível, pois existe ainda uma enorme necessidade de aceitação, na participação e envolvimento no que os rodeia. A deficiência só será aceite e vista

como algo que pertence à sociedade se estas pessoas estiverem nos mesmo lugares que as outras.

A competição pode ser vista como algo motivador para a evolução do atleta, no entanto, e apesar de na maioria os inquiridos ter calendários competitivos, nunca levaram nenhuma criança ou jovem a competição. Segundo um dos clubes/associações, um dos atletas apresentava capacidades para competir, uma vez que era surdo-mudo, no entanto, tal ação foi inibida pela mãe que não autorizou o envolvimento do mesmo no contexto competitivo. Os pais representam um papel extremamente importante na vida e no desenvolvimento dos filhos, no entanto, por vezes, surgem como inibidores no desenvolvimento natural dos mesmos.

O envolvimento na sociedade é algo que os clubes/associações vêem como algo essencial e benéfico à pessoa com deficiência, no entanto, há quem considere que em São Brás de Alportel esse envolvimento é notório, falando especificamente da escola, mas há quem tenha conhecimento que noutra agrupamento distinto as adaptações curriculares não são adequadas à aluna em questão. Todos estão em concordância com o trabalho ainda necessário desenvolver para uma inclusão plena na sociedade, salientando os benefícios que trás não só para a criança/jovem com deficiência, como para todos os outros que com estes se relacionem.

É de extrema importância o envolvimento em atividades desportivas. Um dos clubes/associações inquirido, vai mais longe, referindo a importância da articulação dos clubes/associações com a escola, pois a existência desta articulação, poderá aumentar a procura e, por conseguinte, o número de atletas. Esta articulação pode desencadear outros aspetos importantes já referidos,

nomeadamente a criação de condições para a prática desportiva por parte de pessoas com deficiência, criação de modalidades adaptadas e o aumento de técnicos com formação na área da deficiência, pois o aumento dessa procura, faria sentir essa necessidade.

Embora seja urgente um maior envolvimento desta população na sociedade e em atividades desportivas, a oferta nos clubes/associações relativamente a modalidades adaptadas é inexistente, assim como a garantia de todas as condições para a sua prática. Somente um dos clubes se mostra confiante num futuro próximo relativamente a esta temática, afirmando desenvolver todo o tipo de atividades com a criação das novas instalações.

O facto de ser uma população especial e que requer condições específicas, nomeadamente a nível de infraestruturas adaptadas, materiais, transporte e recursos humanos, torna todo o processo mais complexo. A falta de financiamento e a dependência de projetos financiados de curta duração, tornam esta área de intervenção inexistente no concelho de São Brás de Alportel, no que diz respeito à prática desportiva, canalizando as verbas muitas vezes para outras áreas de intervenção.

Educação Física e Desporto no Contexto Escolar

O professor Manuel (nome fictício), professor de educação física, com trinta anos de serviço, sendo os últimos vinte anos no Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas, em São Brás de Alportel, e muitos dos anos com crianças com necessidades educativas, mostrou-nos o panorama atual segundo a sua visão no agrupamento.

Na sua formação inicial refere uma disciplina de educação especial, sendo que na formação contínua tem muitas formações através da Federação Portuguesa

de Desporto para Pessoas com Deficiência, assim como, outras promovidas pelo Desporto Escolar e Pelo Gabinete Coordenador do Desporto Escolar no âmbito do boccia, referindo ainda a pesquisa autónoma. No agrupamento há pelo menos mais duas pessoas com formação na área.

Modalidades Adaptadas no Agrupamento de Escolas

Atualmente no agrupamento, desenvolvem o boccia e a natação adaptada, fazendo competição intraescolas onde existem o mesmo grupo equipa. Contudo, segundo declarações do professor entrevistado, essa oferta não é suficiente:

Suficiente não é decididamente. Aquilo que eu acho é que a atividade física para este tipo de população deve ser regular, ou seja, hoje segunda temos boccia, amanhã temos natação e depois quarta, quinta e sexta, não existe nada, nada [Entrevista].

O professor refere ainda que essa oferta, além de ser reduzida não chega a todos os alunos do agrupamento de escolas:

É que além da oferta ser muito reduzida, ou seja, são duas, boccia e natação, ela não consegue atingir todos os alunos do agrupamento, só consegue atingir alguns. Se começarmos a pensar, alunos do primeiro ciclo, não terão acesso a, não frequentam, por isso... e aqui é quando se deve começar, precisamente, e neste caso só vai abranger alunos do segundo ciclo, alguns, terceiro ciclo e secundário, não abrange todos os alunos, portanto é uma oferta muito condicionada, não chega a todos [Entrevista].

O professor mostra assim o seu descontentamento, pois realça a importância de iniciar a atividade física no 1.º ciclo, contudo neste agrupamento, esta oferta não chega ao 1.º ciclo e também não chega a todos os alunos do 2.º

ciclo, sendo que quando questionado se os alunos com necessidades educativas específicas frequentavam sempre as suas aulas, ele esclarece-nos:

Não frequentam. Infelizmente. Na maior parte das vezes, por exemplo quando é o 2.º ciclo, o 3.º ciclo e o secundário..., são blocos, um de 45 minutos e um de 90 minutos na maior parte dos casos, não é em todos, os alunos só frequentam os blocos de 45 minutos, ou seja, os de 90 minutos não frequentam. Estou a falar da maior parte dos casos não quer dizer que aconteça em todos. Ou seja, aí o tempo de prática de educação física incluídos numa turma, da qual eles fazem parte também é reduzido [Entrevista].

Inclusão das Práticas Educativas em Educação Física

Relativamente às estratégias adotadas no trabalho realizado com esta população o professor refere uma avaliação diagnóstica daquilo que o aluno consegue fazer, para, segundo ele, integrar o aluno com a turma em jogos condicionados, atividades condicionadas às capacidades dele.

Ao longo desta análise quer em clubes/associações quer com o professor Manuel, é muitas vezes referido a palavra integração, contudo, consideramos que há alguma confusão entre conceitos, nomeadamente integração e inclusão, e que nem sempre é feita a chamada inclusão que se pretende obter:

Imaginando que há um aluno que gosta de jogar futebol... com necessidades educativas... que desenvolve a sua atividade sozinho. Aquilo que acontece é ele estar a jogar futebol enquanto os outros jogam basquete... ele está com uma bola de futebol, vê o envolvimento, mas os outros estão a jogar basquete, e aquilo resulta bem, o único cuidado que tenho de ter é os outros não chocarem com ele [Entrevista].

O mesmo refere ainda o envolvimento dos elementos da turma como facilitador à participação destes alunos em algumas das atividades:

Imaginando, fins de escola, testes de vai e vem os alunos que normalmente não têm grandes capacidades, mas eles se forem puxados pela mão, conseguem realizar alguns percursos e os primeiros, sete percursos, como eu costumo dizer, os alunos ditos normais, conseguem fazer razoavelmente bem, sem dificuldade, a andar, eles conseguem fazer isso. Portanto se eles puxarem pelos outros para atingir esses objetivos, portanto estão integrados, estão incluídos em tudo e estão na atividade [Entrevista].

Relativamente à gestão das turmas quando existem crianças com necessidades educativas específicas o professor parece desmistificar o assunto:

Uma das competências gerais da disciplina de educação física é precisamente a cooperação com os outros para a promoção do sucesso..., portanto, essa logo sendo geral está sempre presente. Isso não temos de explicar aos alunos, portanto a gestão, a partir do momento em que isso está implícito nos critérios de avaliação inclusive, é puramente pacífico [Entrevista].

No entanto, realça que “há alunos mais predispostos para trabalharem com estes alunos do que outros, é um facto” [Entrevista], referindo ainda que:

Não nos podemos esquecer que as adaptações curriculares que existem para estes alunos não têm que ser obrigatoriamente, adaptações curriculares de situações graves, ou totalmente impeditivas, em relação às outras, que são as chamadas ligeiras ou moderadas, e que nós também temos de fazer essa adaptação e promover precisamente a aquisição de

competências para esses alunos. Aquilo que tem de acontecer é ajudarem-se uns aos outros [Entrevista].

Para o professor Manuel, a questão do envolvimento social de crianças e jovens, é mais do que dar alguma atenção a pessoas com deficiência:

Inclusão só existe se eles estiverem envolvidos na sociedade, se eles funcionarem numa pequena micro sociedade, que é o que acontece normalmente, estão muito isolados, então eles não têm socialização nem desenvolvem uma das características ou uma das competências que deveriam desenvolver obrigatoriamente, nomeadamente a socialização [Entrevista].

O mesmo professor afirma que esta população ainda vive numa bolha, ostracizados:

Eles só conseguem desenvolver todas as competências possíveis para eles, se estiverem em sociedade, se não estiverem, não desenvolvem, o que acontece é que estão habituados a estar sozinhos [Entrevista].

Atividades Desportivas Adaptadas em Contexto Não Escolar

Quando falamos em envolvimento de crianças e jovens em atividades em contexto não escolar, o professor elucida-nos para a realidade em São Brás de Alportel nomeadamente quando falamos em projetos de desporto adaptado, afirmando que neste concelho não existe, mas que em termos nacionais, há projetos que aliam a modalidade do boccia a duas populações distintas, nomeadamente, crianças com necessidades educativas específicas e seniores, convivendo juntos e partilhando conhecimentos diferenciados, realçando a importância da partilha:

Em Portugal é que se separa muito as coisas, quando não devia ser, podem conviver [crianças, jovens e adultos]. Não têm de comer no mesmo tipo de

mesa, porque não é viável, não têm de fazer as mesmas atividades, mas há muitas que podem ser em comum, e toda a gente tem a ganhar [Entrevista].

A necessidade de desenvolver modalidades desportivas adaptadas em São Brás de Alportel é algo que todos os inquiridos estão em concordância, inclusive o professor de educação física do agrupamento inquirido, referindo também que promoveu três ações de formação, nomeadamente, boccia, basquetebol e andebol em cadeira de rodas, em parceria com a Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência, em que os responsáveis desta lhe referiram que São Brás de Alportel reunia todas as condições para criar oferta desportiva adaptada.

No entanto, o professor, segundo a sua opinião, realça que o maior obstáculo em relação ao desporto adaptado, não só no concelho em questão, mas em todo o Algarve, são os transportes:

O dilema em relação à criação [de desporto adaptado] em São Brás de Alportel é o transporte das pessoas com deficiência para São Brás de Alportel, e quem diz São Brás de Alportel, diz outro lado qualquer do Algarve, ou seja, aquilo que existe de condicionante ao desenvolvimento do desporto adaptado em termos algarvios é precisamente o transporte [Entrevista].

No seguimento, o mesmo, faz referência ao Andebol em cadeira de rodas desenvolvido em São Bartolomeu de Messines, afirmando que o mesmo só existe porque é a Junta de Freguesia quem assegura o transporte em carrinhas adaptadas.

O professor Manuel, aponta ainda o término da modalidade de basquetebol em cadeira de rodas na cidade de Faro, pelo mesmo motivo:

O basquetebol, que havia em Faro, acabou, e acabou porque as pessoas não tinham forma de se deslocar, se as pessoas não estão lá, não se pode desenvolver nenhuma atividade física adaptada, não é, temos de arranjar uma forma das pessoas estarem nesses locais, porque nem toda a gente tem

condições de poder deslocar os seus para os locais onde se realizam essas atividades... Não pode haver oferta se não houver população [Entrevista].

Neste seguimento, são-nos dadas diretrizes relativamente ao que deve ser feito numa primeira fase:

Tem de ser feito um levantamento... das pessoas com deficiência... depois de fazer esse levantamento... fazer um questionário...de qual era a atividade física que gostava de praticar e os horários [Entrevista].

Perspetivas Futuras para o Desporto Adaptado

Por fim, o professor aponta a maior responsabilidade para o agrupamento de escolas quando questionado acerca de projetos futuros importantes para serem implementos de forma a desenvolver a prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel:

A maior responsabilidade nessa área caberá ao agrupamento, ou seja, o agrupamento é onde estão todos os alunos, desde o pré-escolar até ao ensino secundário e então terá de ser obrigatoriamente o agrupamento a promover isso, porque é onde eles estão. Claro que quando eu digo que tem de ser o agrupamento, não quer dizer que tenha de ser de uma forma autónoma, tem de se estabelecer uma parceria com várias entidades e instituições, nomeadamente a autarquia para conseguir fazer isso, agora que se deve começar precisamente por aí, isso aí não tenho dúvida nenhuma que deve começar pelo agrupamento, porque é onde estão sempre todos os alunos, acho que é a melhor forma [Entrevista].

O professor é elucidativo, fazendo referência a alguns centros de ocupação de tempos livres para onde são canalizados alguns alunos após o término das aulas, referido que essa responsabilidade não parte deles, até porque lá não vão todos os

alunos e provavelmente, nenhum com deficiência, mas sim na escola. Contudo realça a importância das famílias nesse processo:

Eu acho que o maior problema é as pessoas que têm nos seus agregados essas crianças. Se eu não promover a inclusão, mais ninguém o irá promover por mim, é um ponto assente. Eu não acho que sejam os outros que têm de fazer sempre esse papel inclusivo, tem de ser quem tem essa situação. Mas também tem de lutar [Entrevista].

O professor coloca-se no papel de pai e refere como procederia caso estivesse numa situação similar:

Se eu fosse encarregado de educação de uma criança ou de um jovem que tivesse essas características, eu iria questionar a escola, muitas vezes, porque é que o meu filho, ou o meu educando, não teria direito a todas as atividades como os outros. Imagina, o meu filho vai para a escola, no 1.º ciclo, eu quero que ele tenha atividade física. Independentemente de ele ter uma dificuldade A, B ou C. A escola tem de assegurar isso. Eu quero saber a qualidade dos serviços que lá estão. Eu não quero que o meu filho esteja numa sala sistematicamente sentado a pintar, a desenhar, a utilizar materiais [Entrevista].

Refletindo, é necessário rigor para promover uma escola que esteja verdadeiramente preparada para receber todos os alunos em que os pais, segundo o professor Manuel, partam do pressuposto que: “a escola não é um passatempo, ele tem de aprender” [Entrevista].

Atualmente o Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas, disponibiliza como modalidades adaptadas o boccia e a natação. Para o professor Manuel esta oferta não é de todo suficiente e o facto de serem em dias consecutivos, nomeadamente segunda-feira e terça-feira, não é vantajoso para os alunos, uma

vez que ficam muitos dias sem atividade, pois embora estejam incluídos numa turma e uma das disciplinas seja educação física, na maioria dos casos, estes alunos só frequentam um bloco de quarenta e cinco minutos, não frequentando os blocos de noventa minutos. Além da oferta ser reduzida, não chega aos alunos do 1.º ciclo e chega somente a alguns do 2.º ciclo. São os do 3.º ciclo e do secundário que beneficiam mais desta oferta. O ideal seria que todos os alunos pudessem, embora ainda que de forma reduzida, praticar essas modalidades, no entanto, não são para todos os alunos.

O trabalho realizado com esta população é feito após um diagnóstico inicial realizado pelo professor, não sendo facultado qualquer documentação que elucide acerca das dificuldades e competências do aluno. A sua participação nas aulas de educação física, parece, segundo o professor, não interferir nas aprendizagens dos colegas, sendo que um aluno com deficiência pode estar a praticar uma modalidade distinta e partilhar simultaneamente o mesmo espaço.

Gerir uma turma com capacidades diferenciadoras, parece não inibir o professor, afirmando que os alunos ditos normais, conseguem por vezes motivar os alunos com deficiência a realizar determinadas atividades específicas. Neste sentido, a cooperação existe, e é um dos critérios de aula de educação física, embora existam alunos mais predispostos nesta entreaajuda.

Para o professor Manuel a inclusão só existe se esta população estiver envolvida na sociedade. Outrora, muitas das famílias que tinham no seu agregado pessoas com deficiência, ocultavam-nas da sociedade. Na atualidade, embora ainda existam certamente alguns casos, há uma maior informação e com a obrigatoriedade de todas as crianças frequentarem o ensino regular, torna-se cada vez mais frequente o envolvimento em atividades e eventos, que por sua vez só trazem benefícios à pessoa com deficiência e à sua família, deixando estes, por sua vez, de viver somente numa “bolha”, longe dos olhares, por vezes reprovadores da sociedade, mas que só com a sua presença vão permitir a sua inclusão, aquisição de estímulos e desenvolvimento das suas capacidades.

O professor põe-nos ocorrentes da realidade no concelho, revelando que no concelho não existem modalidades desportivas adaptadas. Contudo, fala-nos

do panorama nacional, elogiando o trabalho realizado na modalidade de boccia, onde colocam duas populações diferentes, nomeadamente, pessoas com deficiência e idosos a praticar no mesmo espaço, retirando partido de inúmeros benefícios nessa junção. Ainda assim, o professor salienta que São Brás de Alportel apresenta bastantes condições para a prática de modalidades desportivas, embora nomeei, a falta de meios para deslocação dos praticantes como a maior lacuna, não só a nível do concelho em destaque, como em todo o Algarve, referindo ainda que algumas modalidades adaptadas que já existiram no Algarve, terminaram por essa razão.

Um dos clubes/associações inquiridos expôs a necessidade de existir articulação entre os clubes/associações do concelho, para melhor dar resposta às necessidades. Neste sentido, também o professor aponta a maior responsabilidade para o agrupamento, uma vez que é no agrupamento que estão todos os alunos. Segundo o mesmo, cabe ao agrupamento promover o desporto, mesmo que em parceria com outras entidades.

O professor termina a sua participação, mencionando as famílias como principais promotores da inclusão, uma vez que são elas que no seu agregado têm crianças com deficiência, que vivem com a realidade, pois caso contrário ninguém o fará, nem lutará pelos seus direitos. Terão de ser as famílias a voz da mudança e da luta pelos direitos que a eles lhes cabem.

Conclusões

Durante a gravidez, em situação normal, a preparação do nascimento de um filho é algo que começa a ser idealizado e preparado com expectativa. Nesta fase desencadeiam-se algumas preocupações, nomeadamente, o desejo de conceber uma criança saudável. Quando os pais se deparam com uma realidade contraditória à idealizada, passam por uma situação extremamente delicada, e todo o seu sonho acaba repentinamente por ser reprimido, levando muito tempo a recompor-se de tal embate, e em alguns casos, isso pode nunca acontecer.

Passar pela reprovação da sociedade é algo assustador para os pais, que não idealizaram aquele filho, mas que tudo farão para o proteger. Por vezes, existe o afastamento da sociedade, não se relacionando com os pares, com o intuito de garantir o bem-estar do filho. Incluir estas crianças na sociedade é algo que deve acontecer desde cedo, de modo que esta, devidamente acompanhada, possa desenvolver as suas capacidades, e não somente estar restrita a uma realidade. Atualmente, a escola é a ponte para a inclusão destas crianças, não só em contexto escolar, mas em tudo que as rodeia.

Pretendemos elaborar uma reflexão acerca da participação de crianças e jovens com deficiência em contexto desportivo, nomeadamente em clubes/associações do concelho de São Brás de Alportel e no agrupamento de escolas do mesmo concelho. Dando resposta às questões de investigação: (i) Os clubes e associações do concelho de São Brás de Alportel têm nas suas atividades crianças com deficiência? (ii) Estarão os clubes e associações preparados para receber crianças com deficiência? (iii) As famílias das crianças com deficiência procuram inseri-las numa atividade desportiva em contexto não escolar? (iv) Como é feito o trabalho por parte dos professores, treinadores ou dirigentes com crianças com deficiência que prestam serviço nos clubes e associações do concelho de São Brás de Alportel? (v) O Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas procura dar respostas às necessidades dos alunos abrangidos com medidas seletivas ou adicionais relativamente à prática desportiva?

Desejamos, atender aos objetivos gerais do estudo: (i) Conhecer a realidade desportiva relativamente à oferta desportiva de associações e clubes

desportivos do concelho de São Brás de Alportel no que respeita a prática desportiva inclusiva por crianças e jovens com deficiência ou limitações; (ii) Conhecer a perspetiva dos dirigentes/formadores das associações e clubes desportivos e dos professores de educação física de São Brás de Alportel no que respeita ao papel da sociedade na deficiência; (iii) Conhecer as práticas desportivas adaptadas adotadas por professores de educação física relativamente a alunos abrangidos por medidas seletivas ou adicionais que frequentam o Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas. Neste sentido apresentamos as conclusões com base nos objetivos específicos.

Práticas Desportivas de Pessoas com Deficiência

Com este estudo ficámos a conhecer a oferta desportiva dos dez clubes e associações do concelho de São Brás de Alportel, sendo estas o BTT, duatlo e triatlo, motociclismo, hipismo, hip-hop, dance hall, street defense kids, street defense avançado e artes marciais mistas (MMA), tiro com arco, ténis, futebol sénior e júnior, futsal sénior, ballet, ginástica acrobática, ginástica de iniciação, pilates, patinagem, body combat, ginástica de manutenção, boxe, kickboxing, muay thai e defesa pessoal. Dois dos clubes/associações inquiridos, dedicam-se mais a festas de verão, almoços convívio, jogos de futebol solteiros contra casados em datas comemorativas e passeios de ciclomotores antigos.

Neste sentido, podemos constatar que nenhum destes clubes/associações desenvolve atualmente uma modalidade desportiva adaptada, embora reconheçam a importância da criação das mesmas. Ainda assim, quando alguém com deficiência procura as suas atividades, tentam incluir dentro das suas possibilidades e capacidade da pessoa, uma vez que estão conscientes da importância de praticar exercício físico. A prática de exercício físico deve ser vista como algo imprescindível ao desenvolvimento de qualquer cidadão, seja por “recomendação médica, aparência física, condicionamento físico, relacionamento social, competição, mas principalmente para: você se sentir bem (...) desenvolver todas as suas potencialidades e uma sensação agradável de viver feliz consigo mesmo e com os outros” (Guiselini, 2006, p. 208).

Em relação às dificuldades sentidas, os professores, treinadores ou dirigentes dos clubes/associações não referem nem especificam grandes dificuldades, tal pode dever-se ao facto de a existência de atletas com deficiência inseridos nas suas atividades ser reduzido, e somente um dos clubes/associações ter atualmente um atleta com 13 anos, sendo que, os restantes que têm esses atletas, terem idade superior a 18 anos.

Conhecer a realidade e as dificuldades sentidas relativamente ao trabalho realizado no agrupamento de escolas com crianças com deficiência/limitação, era uma pretensão deste estudo, refletindo sobre esta temática, a falta de informação acerca das características desses alunos assim como a não existência de formação específica em atividade física adaptada, surge como uma dificuldade por parte do professor entrevistado. Neste sentido, surge o trabalho, muitas vezes por instinto e que se considera que não vai prejudicar o aluno. Consideramos que a falta de informação é uma lacuna neste processo e que a formação contínua especialmente nesta área de estudo deve ser uma realidade de forma a dar melhor resposta à realidade encontrada.

Desenvolver modalidades desportivas adaptadas é algo que todos os inquiridos afirmam a sua necessidade, no entanto, além de criar essas modalidades defendem também a inclusão nas modalidades já existentes oferecidas pelo clube/associação.

Fazendo uma reflexão geral do estudo podemos afirmar, que muitos dos atletas a praticar as modalidades desportivas dinamizadas pelos clubes/associações, são crianças, embora só um clube tenha uma criança com 13 anos com deficiência a praticar uma das suas modalidades, no entanto, sete dos inquiridos referem já ter sido procurados por crianças/jovens com deficiência e as suas famílias para praticar as suas modalidades, embora nenhum dos clubes dinamize uma modalidade adaptada, optando por uma intervenção na base da inclusão, não fazendo distinção entre os outros atletas.

No agrupamento existem duas modalidades adaptadas, que por sua vez não chegam a todos os alunos, não abrangendo, por sua vez, os alunos do 1.º ciclo e alguns do 2.º ciclo também. As informações que têm acerca das capacidades do

aluno e aquilo que este consegue ou não fazer é algo desconhecido sendo os próprios professores a ter de fazer uma avaliação diagnóstica para melhor conhecer o aluno. O envolvimento social das crianças e jovens com deficiência é algo que todos os inquiridos defendem, dado que “uma prática social de inclusão supõe o abandono definitivo de práticas e relações sociais discriminatórias, inscrito num profundo processo de mudanças atitudinais de uns em relação a outros” (Martins *et al.*, p.32). Falar de projetos futuros no que respeita ao desporto adaptado, não é algo que esteja de momento planeado, embora defendam essa necessidade.

Limites, Constrangimentos e Perspetivas Futuras

Tal como todas as investigações, também esta tem os seus limites. Estamos conscientes que os resultados obtidos possam ser apenas descritivos e sugestivos, pela sua complexidade, envolvendo, por um lado o desporto em São Brás de Alportel e por outro a realidade escolar, aliando as limitações que um estudo de natureza qualitativa acarreta.

Este estudo foi concebido em plena pandemia SARS-CoV-2 (COVID 19) o que limitou o número de inquiridos tanto clubes/associações como professores de educação física do AEJBV, uma vez que fomos restringidos a manter apenas o contacto com o agregado familiar e manter distanciamento social, contribuindo para a não propagação do vírus. Neste sentido, a aplicação das entrevistas também foi uma limitação, sendo que nem todos os inquiridos aceitaram ser presencial, nem foi possível fazer a gravação áudio de todas as entrevistas. Foi ainda realizada uma via telemóvel e três enviadas por email, algo que não estava inicialmente previsto. Outra limitação foi a demora que o agrupamento levou a dar uma resposta, mesmo apresentada a autorização para a aplicação das entrevistas. Por fim, tínhamos idealizado um número superior ao que obtivemos relativamente aos professores de educação física, mas não nos foi facultado o contacto dos mesmos. Tivemos de esperar que fossem os professores a entrar em contacto connosco, neste sentido, só o professor Manuel entrou em contacto connosco.

Consideramos que o desporto adaptado é uma temática que deve ser estudada, de forma a perceber as principais dificuldades sentidas não só por parte

dos clubes/associações como pelos professores de educação física. A necessidade se criarem condições para a prática desportiva para pessoas com deficiência é evidente, neste sentido, na nossa opinião, abordar esta temática seria extremamente positivo para melhorar o seu acesso.

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta.
- Antunes, A. S. (2018). *Para uma Educação Inclusiva: Manual de Apoio à Prática*. (Posfácio). Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Armstrong, F., & Rodrigues, D. (2014). *A Inclusão nas Escolas*. Fundação David Manuel dos Santos.
- Carvalho, O., & Peixoto, L. (2000). *A Escola Inclusiva da Utopia à Realidade*. APPACDM Distrital de Braga.
- Comissão das Comunidades Europeias (2007). *Livro Branco Sobre o Desporto*. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52007DC0391&from=PL>
- Correia, L. d. (2008). *A Escola Contemporânea e a Inclusão de Alunos com NEE*. Porto Editora.
- Couto, L., Cunha, M. A., & Sousa, A. (2020). A Perspetiva das Famílias Sobre a Participação das Pessoas com deficiência na Atividade Física. *Federação Portuguesa Para Pessoas com Deficiência*, Vo.6, 41-47. https://fpdd.org/wp-content/uploads/2021/02/5_Perspetiva-familiar.participac%cc%a7a%cc%83o-pessoa-com-deficie%cc%82ncia-em-AF.pdf
- Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho. Diário da República, nº 129 – I Série. Ministério da Educação.
- DIAS, L. P. F. (2011). *Inclusão social de cidadãos portadores de deficiência(s) residentes no concelho de Miranda do Douro*. (Tese de mestrado). Escola Superior de Educação de Bragança.
- Fernandes, H. S. (2002). *Educação Especial Integração das Crianças e Adaptação das Estruturas de Educação*. APPACDM Distrital de Braga.

- FFMS. (2020) *Clubes: total e por algumas federações*. Portugal. PORDATA.
<https://www.pordata.pt/db/portugal/ambiente+de+consulta/tabela>.
- FFMS. (2021). *Praticantes desportivos federados: total e por sexo*. Portugal.
PORDATA
<https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>.
- Guia Prático – Os Direitos das Pessoas com Deficiência em Portugal (2019).
<https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBAAAAB%2bLCAAAAAABACzMDW0AAAFlyTYBAAAAA%3d%3d>.
- Guiselini, M. (2006). *Aptidão física, Saúde, Bem-Estar*. Phorte Editora.
- Marivoet, S. (2000). *Práticas Desportivas na Sociedade Portuguesa (1988-1998). Sociedade portuguesa: passados recentes, futuros próximos: Atas do 4º Congresso Português de Sociologia*. <http://hdl.handle.net/10400.5/1610>.
- Marivoet, S. (2002). *Aspetos Sociológicos do desporto*. Livros Horizonte.
- Marques, R., Marivoet, S., Almeida, M., Gutierrez, G., Menezes, R., & Nunomura, M. (2015). A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico: perspetivas de atletas portuguesas. *Motricidade*. 11 (3) 123-147. <https://doi.org/10.6063/motricidade.4704>
- Martins, L. d., Denari, F. E., Lima, F. J., Pires, J., Oliveira, I. A., Pires, G. N., . . . Pássaro, A. C. (2006). *Inclusão: Compartilhando Saberes*. Editora Vozes.
- Pereira, F., Crespo, A., Trindade, A. R., Cosme, A., Croca, F., Breia, G., . . . Fernandes, R. (2018). *Para uma Educação Inclusiva: Manual de Apoio à Prática*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Reis, F. L. (2022). *Investigação Científica e Trabalhos Académicos*. Edições Sílabo.
- Rebolo, A., Rodrigues, A. I., Costa, A. P., Fontanella, B. J., Damásio, C. P., Silva, C. G., . . . Paul, V. (2021). *Manual de Investigação Qualitativa*. PACTOR.

- Rodrigues, D. (2017a). Inclusão: escrever movendo a folha. *Pró-Inclusão: Associação de Docentes Nacional de Docentes de Educação Especial*, 8 (1), 11-12.
- Rodrigues, D. (2017b). Educação Inclusiva e Seus Desafios: uma conversa com David Rodrigues. (C. G. Sofiato, & C. B. Angelucci, Entrevistadores). <https://doi.org/10.1590/S1517-97022017430100201>.
- Rosa & Trindade (2020). Educação Inclusiva – percursos normativos e (des)continuidades conceptuais. *Construindo a Educação Inclusiva: Teoria e Prática* (pp. 25-42). Papa-Letras.
- Silva, P., Graça, P., Mata, F., Arriaga, M., & Silva, A. (2016). *Estratégia Nacional Para a Promoção da Atividade Física, da Saúde e do Bem-Estar*. <https://nutrimento.pt/activeapp/wp-content/uploads/2017/02/Estrate%CC%81gia-AF.pdf>
- UNESCO. (1994). Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção – Necessidades Educativas Especiais. Adaptado pela Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade. Declaração de Salamanca. Salamanca: UNESCO. [https://pnl2027.gov.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=1011&fileName=Declaracao_Salamanca.pdf](https://pnl2027.gov.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=1011&fileName=Declaracao_Salamanca.pdf)
- UNESCO (2020). Relatório de Monitoramento Global da Educação – Resumo. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373721_por

Índice de Apêndices

Apêndice I – Guião de entrevista a Associações e Clubes do concelho de São Brás de Alportel.	57
Apêndice II – Guião de entrevista a professores de Educação Física do Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas.	59
Apêndice III – Entrevistas aos clubes/associações do concelho.	61
Apêndice IV – Entrevista ao professor de educação física do AEJBV.	76

Apêndice I

Guião de Entrevista

Professores, treinadores ou dirigentes de associações/clubes

No âmbito do trabalho de investigação - Práticas desportivas inclusivas: um estudo em São Brás de Alportel, pretendemos verificar, qual a realidade desportiva no concelho de São Brás de Alportel, dando ênfase à temática da deficiência, percebendo assim, qual a realidade desportiva adaptada no concelho.

Neste sentido, um dos instrumentos de recolha de dados, é uma entrevista semiestruturada, seguindo o guião apresentado.

Os dados recolhidos, serão utilizados exclusivamente para fins académicos e investigacionais, sendo que serão tratados com respeito, anonimato e confidencialidade de todos os participantes.

Temática	Objetivos	Questões
Bloco A		Informar o entrevistado sobre: <ul style="list-style-type: none">- O tema e objetivos gerais do estudo;- A confidencialidade das declarações prestadas;- A garantia do anonimato da entrevista;
Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	
Motivação do entrevistado	Motivar o entrevistado	Solicitar a sua colaboração: <ul style="list-style-type: none">- Referir a importância da entrevista;- Pedir para gravar em áudio;- Informar sobre a disseminação dos resultados do estudo.
Bloco B		1. Há quanto tempo a sua associação/ clube foi fundada?
Caracterização do clube/associação de São Brás de Alportel	Conhecer o clube/associação	2. Quantas atividades dinamizam atualmente? Quais?
		3. Quantos profissionais desempenham funções na vossa associação/ clube?
		4. Quantas crianças/jovens/adultos frequentam atualmente as vossas atividades?
		5. Têm atualmente alguma modalidade desportiva adaptada?
Bloco C		6. E alguma modalidade desportiva direcionada para crianças/jovens com deficiência?

Caracterização da prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel	Perceber a realidade do desporto adaptado	7. Em algum momento pensaram em desenvolver uma modalidade desportiva adaptada?
		8. Em algum momento uma criança/jovem com deficiência e a sua família procuraram as vossas atividades?
		9. Atualmente quantas crianças/jovens com deficiência frequentam as vossas atividades?
Bloco D Gestão da universalidade	Perceber a realidade da associação/clube no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações	10. Dos profissionais que desempenham funções no vosso associação/clube, tem formação na área da deficiência/educação especial? Quantos?
		11. Que estratégias adotam para trabalhar com crianças/jovens que apresentem uma deficiência ou limitação?
		12. Como é feita a gestão de uma equipa em contexto competitivo, quando existe uma criança que apresenta uma deficiência ou limitação?
Bloco E Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	13. Qual a sua opinião acerca do envolvimento social das crianças/jovens com deficiência?
		14. E da participação de crianças com deficiência em atividades desportivas?
		15. Considera importante criar modalidades desportivas adaptadas para crianças/jovens com deficiência no concelho de São Brás de Alportel?
		16. Que projetos futuros tem para o desenvolvimento de práticas desportivas inclusivas no concelho de São Brás de Alportel?
Bloco F Ultimação da entrevista	Finalizar a entrevista com um agradecimento	- Informar a associação/clube pela partilha dos resultados com a sua instituição; - Agradecer a colaboração no estudo;

Apêndice II

Guião de Entrevista

Professores de educação física do Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas em São Brás de Alportel

No âmbito do trabalho de investigação - Práticas desportivas inclusivas: um estudo em São Brás de Alportel, pretendemos verificar, qual a realidade desportiva no concelho de São Brás de Alportel, dando ênfase à temática da deficiência, percebendo assim, qual a realidade desportiva adaptada no concelho.

Neste sentido, um dos instrumentos de recolha de dados, é uma entrevista semiestruturada, seguindo o guião apresentado.

Os dados recolhidos, serão utilizados exclusivamente para fins académicos e investigacionais, sendo que serão tratados com respeito, anonimato e confidencialidade de todos os participantes.

Temática	Objetivos	Questões
Bloco A		Informar o entrevistado sobre: - O tema e objetivos gerais do estudo; - A confidencialidade das declarações prestadas; - A garantia do anonimato da entrevista;
Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	
Motivação do entrevistado	Motivar o entrevistado	Solicitar a sua colaboração: - Referir a importância da entrevista; - Pedir para gravar em áudio; - Informar sobre a disseminação dos resultados do estudo.
Bloco B		1. Há quanto tempo leciona aulas de educação física pelo ministério de educação?
Caracterização do percurso profissional	Conhecer o percurso profissional	2. E neste agrupamento?
		3. Nas suas aulas sempre teve crianças com medidas seletivas ou adicionais?
		4. Tem formação na área da deficiência/educação especial?
Bloco C		5. O vosso agrupamento desenvolve atualmente alguma modalidade adaptada em contexto de Desporto Escolar que promove a participação de alunos abrangidos pelas medidas seletivas ou adicionais, impostas pelo Decreto de Lei 54/2018? Que modalidades?

Caracterização da prática desportiva inclusiva no AEJBV	Conhecer a realidade do desporto adaptado no AEJBV	6. Considera suficiente a oferta desportiva neste agrupamento para estas crianças/jovens em particular?
		7. Estes alunos frequentam sempre as suas aulas de educação física, ou por vezes encontram-se em outras aulas/atividades/apoios?
Bloco D Gestão da universalidade	Perceber a realidade no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações no AEJBV	8. Dos professores de educação física deste agrupamento tem ideia de quantos tem formação em deficiência/educação especial?
		9. Que estratégias adota para trabalhar com crianças/jovens que apresentem uma deficiência ou limitação?
		10. Como é feita a gestão de uma turma, quando existe uma ou mais crianças/jovens que apresenta uma deficiência ou limitação?
Bloco E Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	11. Qual a sua opinião acerca do envolvimento social das crianças/jovens com deficiência?
		12. E da participação de crianças com deficiência em atividades desportivas em contexto não escolar?
		13. Considera importante criar modalidades desportivas adaptadas para crianças/jovens com deficiência no concelho de São Brás de Alportel?
		14. Que projetos futuros considera importante serem implementados para o desenvolvimento de práticas desportivas inclusivas no concelho de São Brás de Alportel?
Bloco F Ultimação da entrevista	Finalizar a entrevista com um agradecimento	- Informar a associação/clube pela partilha dos resultados com a sua instituição; - Agradecer a colaboração no estudo;

Apêndice III

Entrevistas aos clubes/associações identificadas de 01 a 10

Entrevista 01

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Caracterização do Clube/Associação	Conhecer o Clube/Associação	Informações acerca do Clube/Associação	<p>1. Em 2004, o mês não tenho a ideia, mas acho que foi em outubro, não tenho a certeza.</p> <p>2. Nós temos a Escolinha de BTT, Escolinha de Duetlo e Triatlo, agregado à nossa associação temos o Motociclismo com competição em minimotos, temos alguns atletas, fazemos várias atividades com eles. Temos também na parte dos adultos o triatlo e o duatlo e o BTT de competição. Temos também a parte dos cavalos, agregado à nossa associação (Hipismo).</p> <p>3. Adultos temos cerca de 15, e jovens e crianças 30 mais ou menos. Na totalidade cerca de 45/50 atletas.</p> <p>4. De momento não temos, mas se aparecer alguém a federação também nos dá algum apoio em relação a isso. Tivemos uma rapariga, mas, entretanto, ela saiu. Tivemos outro rapaz que me falou no ciclismo, e eu disse que ciclismo de momento não temos, é uma questão de falarmos e se realmente ele quiser temos todo o gosto.</p>
Caracterização da prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel	Perceber a realidade do desporto adaptado	Panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel	<p>5. Não. Se nos procurarem, temos formação para isso, a federação apoia-nos, apoia-nos em termos de nos explicar o que é que é necessário. Porque depois há várias categorias, mas em relação a treinos, nas crianças se houver alguém que tenha deficiência intelectual ou até de visão, porque já dá para fazer com aquelas bicicletas duplas, sem visão vai atrás e o acompanhante vai à frente, fazem equipa. São integrados no grupo, os treinos são adaptados e quando chegam à idade adulta é que há competição e atividades. Também porque agora é que vão aparecendo mais</p> <p>6. Não.</p>

			<p>7. Não temos pensado em criar uma modalidade adaptada propositadamente, mas caso apareçam atletas temos todo o gosto em acolher e dar uma resposta positiva faze às necessidades. Já tivemos uma rapariga e funcionou muito bem.</p> <p>8. Sim.</p> <p>9. Não temos ninguém de momento.</p>
Gestão da universalidade	Perceber a realidade da Associação/Clube no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações	Perceção das dificuldades	<p>10. Quando nós estamos a fazer o curso nível II eles falam algumas coisas, mas especificamente não.</p> <p>11. Era integrá-la no grupo, com que ela se sentisse integrada, porque ela tinha muito medo, é normal, alguma insegurança, e a pouco e pouco fomos-lhe ensinando, para ela ter mais confiança, perder um pouco os medos e ela integrar-se e não se sentir a parte, procurando fazer tudo com eles, interagindo uns com os outros.</p> <p>As outras crianças eram compreensivas, sabiam que ela era diferente e ajudavam-na, incentivavam-na.</p> <p>12. Se algum dia houver a criança é integrada, também depende do grau e do que ela tiver, mas a criança é sempre integrada e fazer as atividades que são para ela.</p>
Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	Envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade	<p>13. Eu acho que é boa, penso que aqui não temos assim grandes problemas. ... nas escolas que vou vejo os miúdos todos integrados, e acho que até a própria turma torna-se muita amiga, protetora. Da parte dos professores e mesmos dos pais acho que é um trabalho para eles se unirem e não haver distinções.</p> <p>14. Aqui em São Brás sei que há muitas, algumas crianças com dificuldades, sei que muitos vão à piscina, mas não tenho conhecimento, mas considero que é importante e o trabalho nas escolas acho que deveria ser também de os encaminhar; olha o que é gostas mais de fazer e perceber com os pais quais é que são as limitações deles e depois aconselhar e falar com os clubes; olha o que é que podemos fazer com esta criança. E nós se alguém vier ter connosco conseguimos tentar ajudar, integrar.</p> <p>15. Deverão ser incluídas, mas também serem criadas modalidades. Com tantas modalidades e acho que consoante o que a criança tem aí ser adaptado. A criança pratica as modalidades das crianças normais, mas também as crianças normais praticarem modalidades adaptadas e terem contacto com a realidade.</p> <p>16. Nós as modalidades que temos se houver crianças com problemas estamos abertos, da nossa parte, pela parte da federação existe já muita gente no desporto adaptado. Nós temos todo o gosto em nos</p>

			disponibilizarmos. Consoante as necessidades também tentaremos dar a melhor resposta possível, temos materiais disponíveis e com a ajuda da federação também.
--	--	--	---

Entrevista 02

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Caracterização do Clube/Associação	Conhecer o Clube/Associação	Informações acerca do Clube/Associação	<p>1. Nós nascemos em junho de 2011, mas São Brás foi em outubro de 2012.</p> <p>2. Atualmente temos só, Hip Hop e Dance hall. Costumamos ter também contemporâneo. Neste momento desde que se colocou este problema do covid, por causa do contacto tiramos, mas costumamos ter 3.</p> <p>3. Trabalhar a tempo inteiro temos apenas 3, depois temos outros que trabalham só fazem uma prestação de serviços. As outras três é contrato. No total somos 8.</p> <p>4. Isto agora é uma altura muito complicada, mas por norma 400-450 Total, antes covid. Porque há desistências. Em São Brás é 90 a 100. (SBA, Faro, Loulé, Montenegro, Estoi, Moncarapacho).</p>
Caracterização da prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel	Perceber a realidade do desporto adaptado	Panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel	<p>5. Não.</p> <p>6. Não.</p> <p>7. Aquilo que fazemos é incluir nas modalidades existentes.</p> <p>8. Sim.</p> <p>9. Na totalidade têm 3 pessoas, 1 pessoa com 28 anos em SBA. Chegaram a ter 1 pessoa surda.</p>
Gestão da universalidade	Perceber a realidade da Associação/Clube no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações	Perceção das dificuldades	<p>10. Com formação não, mas, temos 1 professora que dá aulas de dança na APPC.</p> <p>11. Pesquisa, e tentamos ver quais as necessidades que a pessoa apresenta e tentamos dar a melhor resposta nesse sentido.</p> <p>Não dar atenção especial que seja perceptível, não colocar a trás, não alterar muitas vezes a sua posição.</p>

			12. Nunca levámos alguém com deficiência a competição.
Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	Envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade	<p>13. Concordo, mas, em relação à inclusão. No que diz respeito à escola tenho uma mãe que se queixa da inclusão da filha na escola. Frequenta classe regular, é tratada como uma criança igual às outras, mas na realidade apresenta necessidades específicas.</p> <p>Sinto que a sociedade está mais aberta, mas, deve haver mais apoio.</p> <p>14. Sim deve estar integrada, mas caso fosse uma criança em cadeira de rodas teríamos muita dificuldade e poderia fazer com que desmotivasse as outras crianças.</p> <p>15. Sim.</p> <p>16. Não temos desenvolvido, mas temos participado em atividades a convite de outras entidades, maioritariamente a nível de trabalho voluntário.</p>

Entrevista 03

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Caracterização do Clube/Associação	Conhecer o Clube/Associação	Informações acerca do Clube/Associação	<p>1. Começamos a dinamizar atividades em 2010, mas só em 2013 nos afirmámos como associação.</p> <p>2. Temos, Street Defense Kids, Street Defense Avançado e MMA -Artes Marciais Mistas.</p> <p>3. Somos 5 pessoas sendo que sem remuneração.</p> <p>4. 35 atletas, sendo que 15 tem até aos 14 anos e mais alguns na faixa etária dos 17/18 anos.</p>
Caracterização da prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel	Perceber a realidade do desporto adaptado	Panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel	<p>5. Não, mas um dos meus Kids tem Asperger, tem treinado comigo estes anos todos. Agora tem treze anos.</p> <p>6. Não.</p> <p>7. O que temos feito é incluir, quando essas crianças chegam até nós.</p>

			8. Sim, na totalidade desde que somos associação já tivemos 2, sendo que agora só um. 9. Um.
Gestão da universalidade	Perceber a realidade da Associação/Clube no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações	Perceção das dificuldades	10. Formação só eu tenho, eles estão no processo de formação. Na educação especial só pequenas formações. 11. A primeira coisa que fazemos é a inclusão. Não os separamos do grupo, são mais um membro do grupo, ou seja, o que, e lá está, com os pros e contras que isso tem, e tem, não vale a pena negar, agora por vezes acho que até devemos trabalhar mais com as outras crianças do que com eles próprios, porque se eles se sentirem integrados dão tudo o que têm e o que não têm, os outros é que os tentam por à margem. As crianças são cruéis, já tive situações que tive de intervir com as outras crianças. 12. Nunca levamos a competição, para demonstrações sim sempre e eventos sim sempre, para competição não, porque também até agora não tínhamos. Agora com o MMA é poderemos ter, na defesa pessoal não há competição. Não os separamos do grupo, são mais um. Incluímos, tentamos fazer com que se sintam mais um elemento do grupo, com todos os prós e contras associados. Já tive de intervir, mas com as outras crianças, tendem a pô-lo à margem, as crianças são cruéis.
Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	Envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade	13. Eu acho que muita coisa tem sido feita, mas ainda falta fazer muita coisa. 14. Também acho que ainda falta fazer muita coisa, principalmente da nossa parte dos treinadores. 15. Eu acho que sim, mas não tenho conhecimento que existam assim tantas, nem sei se existem. 16. Quem vier ter connosco estamos de braços abertos. Já participamos, já nos deslocámos a algumas instituições para trabalhar com esse tipo, principalmente crianças.

Entrevista 04

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
-----------	--------------	--------------------	---------------------

Caracterização do Clube/Associação	Conhecer o Clube/Associação	Informações acerca do Clube/Associação	<p>1. Fundámos o clube em 2010.</p> <p>2. Atualmente temos o tiro com arco, onde participamos na competição pela Federação Portuguesa de Tiro com Arco.</p> <p>Participamos no Circuito Algarve Tiro com Arco, onde fazemos um torneio por mês, à exceção do mês de agosto. A nossa participação em torneios é a nível regional e nacional.</p> <p>3. Apenas 1.</p> <p>4. 16 atletas, onde 2 são crianças.</p>
Caracterização da prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel	Perceber a realidade do desporto adaptado	Panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel	<p>5. Não.</p> <p>6. Não.</p> <p>7. Nós tentamos incluir quem nos procura, já temos feito parcerias com associações com deficientes mentais e motores, assim como intervenções em escolas.</p> <p>8. Não.</p> <p>9. Não temos crianças com deficiência, mas temos um adulto com deficiência motora.</p>
Gestão da universalidade	Perceber a realidade da Associação/Clube no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações	Perceção das dificuldades	<p>10. Não.</p> <p>11. O mais normal possível, eles compreendem através da exemplificação/demonstração.</p> <p>12. No nosso caso não temos nenhuma criança com deficiência, mas o adulto que temos é autónomo e o grupo tem um bom espírito de equipa.</p>
Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	Envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade	<p>13. Maioritariamente são postos de lado, mas devem de ser envolvidos 100%.</p> <p>14. Concordo, e devem ser delegadas responsabilidades.</p> <p>15. É Importante.</p> <p>16. Gostava de desenvolver tiro com arco adaptado.</p>

Entrevista 05

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Caracterização do Clube/Associação	Conhecer o Clube/Associação	Informações acerca do Clube/Associação	<p>1. 1994, é uma instituição privada, sem fins lucrativos, de tipo associativo, constituída por tempo indeterminado, de âmbito nacional.</p> <p>2. As principais atividades dinamizadas pelo CTP SBA são as aulas de grupo e individuais de ténis, organizando também alguns eventos (torneios).</p> <p>3. Neste momento 2 técnicos.</p> <p>4. Na presente época desportiva 79 federados.</p>
Caracterização da prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel	Perceber a realidade do desporto adaptado	Panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel	<p>5. Não.</p> <p>6. Não.</p> <p>7. Sim.</p> <p>8. Sim.</p> <p>9. 0.</p>
Gestão da universalidade	Perceber a realidade da Associação/Clube no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações	Perceção das dificuldades	<p>10. Não, 0.</p> <p>11. Não se aplica.</p> <p>12. Não se aplica.</p>
Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	Envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade	<p>13. Extremamente importante. Num futuro próximo iremos ter condições para receber TODOS.</p> <p>14. Igualmente importante.</p> <p>15. Sim.</p>

			16. Assim, que as novas instalações estejam concluídas poderemos, e vamos certamente, desenvolver todo o tipo de atividades.
--	--	--	--

Entrevista 06

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Caracterização do Clube/Associação	Conhecer o Clube/Associação	Informações acerca do Clube/Associação	<p>1. Foi fundado a 10 de junho de 1970.</p> <p>2. Atualmente temos o Futebol 11 Masculino, Juniores e seniores e o Futsal Masculino também só seniores.</p> <p>3. Neste momento temos 3 na equipa sénios, 2 na júnior, 2 na manutenção, 1 na lavandaria, 2 massagistas, 2 na secretaria e 1 no design. Temos ainda mais 3 voluntários.</p> <p>4. Atualmente temos cerca de 70 atletas.</p>
Caracterização da prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel	Perceber a realidade do desporto adaptado	Panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel	<p>5. Não se aplica.</p> <p>6. Não se aplica.</p> <p>7. Neste momento não.</p> <p>8. Sim já tivemos.</p> <p>9. Neste momento não temos ninguém, mas já tivemos 3 atletas.</p>
Gestão da universalidade	Perceber a realidade da Associação/Clube no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações	Perceção das dificuldades	<p>10. O treinador tem o Nível III com alguma abordagem ao tema da deficiência. Tem uma pequena formação na área.</p> <p>11. Era na base da integração, inclusão no grupo.</p> <p>12. Dois deles não foram inscritos, não tinham capacidade e o outro a mãe não queria que fosse inscrito. Era surdo-mudo, mas não tinha dificuldades.</p>

Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	Envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade	<p>13. É bom para eles, mas os apoios são poucos.</p> <p>14. Concordo inteiramente.</p> <p>15. Sim, já deviam de existir.</p> <p>16. Para já nada.</p>
--	--	--	--

Entrevista 07

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Caracterização do Clube/Associação	Conhecer o Clube/Associação	Informações acerca do Clube/Associação	<p>1. O Centro de Cultura e Desporto dos Trabalhadores da Câmara Municipal e Junta de Freguesia foi fundado a 5 de fevereiro de 1982, logo fez 39 anos.</p> <p>2. A Associação dinamiza várias atividades, quer no setor social enquanto IPSS, nomeadamente uma creche, protocolo RSI e vários protocolos de cooperação na área social com o Município e o Ministério da Administração Interna.</p> <p>Na vertente desportiva a Associação dinamiza 8 atividades, nomeadamente Ballet, Ginástica Acrobática, Ginástica de Iniciação, Pilates, Patinagem, Body Combat, Ginástica de Manutenção e Futebol, destas modalidades apenas a Ginástica Acrobática tem carácter federado, sendo as outras apenas de recreação ou manutenção física.3. A Associação tem ao seu serviço 60 profissionais contratados a tempo inteiro entre técnicos, administrativos e operacionais, contanto com a colaboração de mais 6 técnicos em regime de prestação de serviços, técnicos esses que nos dão apoio nas atividades desportivas.</p> <p>4. Contamos com cerca de 500 pessoas envolvidas nas nossas atividades, das quais cerca de 160 nas atividades desportivas, sendo o envolvimento das restantes na área social.</p>
Caracterização da prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel	Perceber a realidade do desporto adaptado	Panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel	<p>5. Não.</p> <p>6. Não.</p>

			<p>7. Sim, tem sido nossa preocupação encontrar solução para um maior envolvimento da Associação no desporto adaptado</p> <p>8. Sim e procuramos enquadrar dentro das atividades que promovemos, promovendo as devidas adaptações para o sucesso da integração da criança ou jovem.</p> <p>9. Atualmente temos 2 pessoas com deficiência, uma criança no setor social e um adulto que colabora connosco numa das nossas atividades desportivas.</p>
Gestão da universalidade	Perceber a realidade da Associação/Clube no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações	Perceção das dificuldades	<p>10. Todos os profissionais que colaboram connosco tem formação académica na área para a qual desempenham funções, quer sejam sociais ou desportivas, no entanto não tenho conhecimento que algum tenha alguma formação adicional na área da deficiência.</p> <p>11. No caso, apenas contamos com uma criança que frequenta uma das respostas sociais, no âmbito desportivo a questão não se coloca, pois, o adulto que temos connosco está em colaboração com o técnico e não na atividade física.</p> <p>12. Neste momento não é feita qualquer gestão pois não pois a situação não se apresenta.</p>
Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	Envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade	<p>13. É extremamente importante, mais do que criar atividades adaptadas, assume uma maior importância a adaptação das modalidades existentes e no enquadramento das crianças e jovens nos grupos formados procurando promover a integração, beneficia a criança deficiente e beneficia a criança não deficiente.</p> <p>14. Todo o envolvimento destas populações quer em atividades desportivas como nas restantes são fundamentais para uma integração na sociedade, para termos uma comunidade inclusiva criando igualmente condições para a prática de atividade física de todos.</p> <p>15. É de extrema importância encontrar condições que proporcionem às crianças e jovens com deficiência o acesso à atividade desportiva, apesar de ser muito positivo a inclusão destas crianças e jovens nas atividades regulares sabemos que se torna mais fácil, mais acessível e mais motivante quando a atividade se destina em especial a sua condição, as modalidades desportivas adaptadas estão desenhadas de forma a possibilitar, sem desmotivar, que estas populações as possam praticar.</p> <p>16. Há alguns anos que temos vindo a nos envolver em várias parcerias com o Município de São Brás de Alportel e com o CMRSul no sentido de proporcionar atividades desportivas adaptadas, quer de forma pontual ou com alguma regularidade, exemplo desse envolvimento foi termos sido parceiros no Calendário Regional de Desporto adaptado promovido a alguns anos pelo IPDJ/CMRSul/Município de São Brás de Alportel, infelizmente, por razões diversas esse calendário só durou dois anos, sei que há</p>

			<p>uma nova tentativa de reabilitação do projeto e que se se proporcionar estaremos disponíveis para colaborar. Recentemente foi feita uma candidatura a um programa da Fundação Calouste Gulbenkian em parceria com a Santa Casa da Misericórdia e com o Município, mas infelizmente a mesma não mereceu aprovação.</p> <p>As atividades desportivas adaptadas apresentam algumas dificuldades para o seu desenvolvimento, a mais importante é desde logo o baixo número de atletas circunscritos a uma zona/freguesia/concelho, a necessidade de alargar a área de intervenção da atividade levanta uma segunda dificuldade, o transporte e logística com o atleta, as dificuldades que em alguns casos se levantam para fazer deslocar o atleta ao treino e a terceira dificuldade o elevado custo do material, a maior parte das associações não consegue encontrar financiamentos para a aquisição dos materiais necessário para a atividade, daí a importância em encontrar programas que possam financiar estes projetos, esta situação levante uma quarta dificuldade, muitas vezes esses financiamentos são temporais o que faz terminar o projeto quando terminar o prazo de financiamento, este zigzague constante retira credibilidade a atividade causa frustração ao atleta e consequente abandono da atividade desportiva adaptada.</p> <p>Estamos, no entanto, atentos no sentido de encontrar uma solução para que possamos a breve tempo proporcionar um maior envolvimento destas crianças e jovens nas atividades desportivas, se possível, adaptadas. Temos procurado encontrar algumas soluções e esperamos que alguma delas venha a obter sucesso num curto espaço de tempo, para isso contamos com a colaboração dos técnicos do CMRSul para um melhor envolvimento do conhecimento técnico destas populações.</p>
--	--	--	--

Entrevista 08

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Caracterização do Clube/Associação	Conhecer o Clube/Associação	Informações acerca do Clube/Associação	<p>1. Nós começamos há cerca de 38, 39 anos e nos bombeiros e depois passámos para o pavilhão municipal em 3 de junho 1993. Passámos a ser clube nessa transição.</p> <p>2. Nós ministramos ali Boxe, Kickboxing Muay thai e defesa pessoal.</p>

			<p>3. Em termos de profissionais serei único porque sou o único que recebo as mensalidades. Tenho a minha mulher que me ajuda e tenho 2 ou 3 atletas mais antigos que também ajudam.</p> <p>4. Cerca de 30 a 40 atletas. Tenho um grupo de cerca de 15 miúdos e os restantes são adultos. O mais novo tem 4 anos e o mais velho entre os 12/13 anos. Mas atenção os de 4 anos são exceção, normalmente é a partir dos 5/6 anos. Esses miúdos tão lá porque têm lá irmão ou os pais também são atletas ou já foram.</p>
Caracterização da prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel	Perceber a realidade do desporto adaptado	Panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel	<p>5. Não.</p> <p>6/7. Não porque é um grupo muito restrito.</p> <p>8. Sim.</p> <p>9. Dois, mais de 18 anos.</p>
Gestão da universalidade	Perceber a realidade da Associação/Clube no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações	Perceção das dificuldades	<p>10. Não, nunca, porque também nunca encontrei nenhum workshop porque provavelmente teria ido. Nas nossas formações a abordagem a miúdos com alguma dificuldade é muito pouca. O que nos dizem é para não diferenciar, não discriminar.</p> <p>11. Ele trabalha connosco, está lá a minha mulher com ele a ajudar, ele calça luvas, dá pontapés sentado. Fazemos aquilo que intuitivamente achamos que não lhes vai fazer mal. Trabalhamos também com miúdos carenciados ou aqueles miúdos mais problemáticos, também são integrados no grupo, não fazemos distinção, sujeitam-se às regras como é obvio, habituam-se às regras e temos ali miúdos que já estão connosco há uma série de anos. Não fazemos um treino à parte para essas crianças, não as discriminamos de forma alguma, o grupo estão preparados para os aceitar como membros como eles e temos feito um trabalho que eu considero muito positivo. Nós temos uma parceria com o espaço jovem, vamos para lá, fazemos demonstrações.</p> <p>12. Nunca levamos estes miúdos a competição. Os mais problemáticos já foram.</p>
Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	Envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade	<p>13. Eu penso que o facto de eles se relacionarem com várias personalidades, várias pessoas, serem de uma forma ou de outra serem integrados, penso que não só em termos de motivação, mas também em termos de alguma destreza física, eles evoluem.</p>

			<p>14. Eu sou uma pessoa muito rígida nos meus ideias, nos meus princípios e todos os meus alunos sabem quais poderiam ser as minhas reações. Mas de qualquer maneira nunca vi qualquer desagrado, eles aceitam muito bem.</p> <p>15. Sem dúvida.</p>
--	--	--	---

Entrevista 09

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Caracterização do Clube/Associação	Conhecer o Clube/Associação	Informações acerca do Clube/Associação	<p>1. Há mais de 50 anos que se dinamizavam atividades com os vizinhos, mas só a 10 de outubro 1995 se fundou como clube.</p> <p>2. O que fazemos é as Festas de Verão, o Passeio de Ciclomotores Antigos e as Marchas, que são as caminhadas que as pessoas vão a vários sítios e também vêm aqui uma vez por ano.</p> <p>3. Não temos empregados, é tudo trabalho voluntário.</p> <p>4. Não se aplica.</p>
Caracterização da prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel	Perceber a realidade do desporto adaptado	Panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel	<p>5. Não se aplica.</p> <p>6. Não se aplica.</p> <p>7. Não se aplica.</p> <p>8. Não se aplica.</p> <p>9. Não se aplica.</p>
Gestão da universalidade	Perceber a realidade da Associação/Clube no que respeita ao trabalho com crianças	Perceção das dificuldades	<p>10. Não se aplica.</p> <p>11. Não se aplica.</p> <p>12. Não se aplica.</p>

	com deficiência/limitações		
Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspectiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	Envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade	<p>13. Ajudá-las, concordo. Têm de ter os mesmos direitos. Faz falta.</p> <p>14. Sim, já tenho visto muitos, acho bem.</p> <p>15. Concordo. Há pais que não podem trabalhar, não têm onde os deixar.</p> <p>16. Não temos projetos futuros nessa área.</p>

Entrevista 10

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Caracterização do Clube/Associação	Conhecer o Clube/Associação	Informações acerca do Clube/Associação	<p>1. Foi fundado a 1 de maio de 1992.</p> <p>2. Baile de Carnaval e Concurso de Máscaras.</p> <p>Almoço/Jantar convívio comemorações do Dia Internacional da Mulher.</p> <p>Sexta-feira Santa:</p> <p>Tradicional Jogo de futebol Solteiros/Casados</p> <p>Apoio ao Chá Dançante de 2ª feira de Páscoa, uma organização da Junta de Freguesia.</p> <p>1 de maio, comemorações do aniversário do clube, piquenique e baile.</p> <p>Santos Populares- mastro e apoio à Festa Sai à Rua, organização da Câmara Municipal.</p> <p>Primeiro fim de semana de agosto, organização da Festa de Verão (um evento que existe desde 1990).</p> <p>Natal, organização do presépio.</p> <p>3. Não se adapta.</p>

			4. Não se adapta.
Caracterização da prática desportiva inclusiva em São Brás de Alportel	Perceber a realidade do desporto adaptado	Panorama do desporto adaptado em São Brás de Alportel	5. Não se adapta. 6. Não se adapta. 7. Não se adapta. 8. Não se adapta. 9. Não se adapta.
Gestão da universalidade	Perceber a realidade da Associação/Clube no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações	Perceção das dificuldades	10. Não se adapta. 11. Não se adapta. 12. Não se adapta.
Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	Envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade	13. Consideramos que é de extrema importância esse envolvimento e felizmente cada vez mais se tem em conta o tema da inclusão. 14. O desporto é essencial a uma vida saudável e para as crianças com deficiência, consideramos que é com certeza um meio de trabalho de determinadas capacidades muito eficiente. 15. Sem dúvida. 16. Não se adapta.

Apêndice IV

Entrevista ao professor de educação física do AEJBV

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Caracterização do percurso profissional	Conhecer o percurso profissional	Percurso profissional	<p>1. Há 30 anos.</p> <p>2. No agrupamento há 20, embora há 20 anos não fosse agrupamento, não havia agrupamentos.</p> <p>3. Depende dos anos letivos, mas tenho tido muitos anos letivos com crianças com essas características.</p> <p>4. Eu na minha formação inicial tinha uma disciplina, tanto que era precisamente ensino especial, portanto fez logo parte da minha formação inicial. Relativamente à formação contínua, que é assim que nós denominamos, eu tenho feito muitas formações através da Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes, tenho feito também algumas promovidas pelo Desporto Escolar ou pelo Gabinete Coordenador do Desporto Escolar no âmbito do Boccia, portanto também já fiz isso. E em relação à educação especial tem sido em termos de formação o tipo de formação que faço, tem surgido. Faço a minha formação autónoma, vou pesquisando algumas coisas sobre essa área.</p>
Caracterização da prática desportiva no AEJBV	Perceber a realidade do desporto adaptado	Panorama do desporto adaptado no AEJBV	<p>5. O agrupamento desenvolve o Boccia e a natação adaptada. Com a natação adaptada e do Boccia. Fazemos competição intraescolas com as escolas que têm os mesmos grupos equipa neste caso que é como se chama.</p> <p>6. Suficiente não é decididamente. Aquilo que eu acho é que a atividade física para este tipo de população deve ser regular, ou seja, hoje segunda temos boccia, amanhã temos natação e depois quarta, quinta e sexta, não existe nada, nada. À semelhança do que existe por exemplo numa escola em Loulé, que eu conheço bem, que é a João Cabanita, eles têm mais atividade física sem ser associado ao desporto escolar, têm mesmo no curriculum deles atividade física, promovida pelo agrupamento para essas crianças, desde ginástica, Equitação, têm lá o centro ao lado, outras situações, eles preocupam-se em que isso exista. Aqui no agrupamento, há cinco anos atrás, houve um projeto meu e do professor ... em que nós quisemos</p>

			<p>promover a atividade física para pessoas com deficiência e em que nós durante um ano promovemos a atividade física para pessoas com necessidades educativas, em que oferecíamos literalmente diferentes tipos de atividade física, infelizmente esse projeto só durou um ano por decisão da direção do agrupamento. Mas já houve, já houve, com várias atividades, ao longo da semana, para esses miúdos, pelo menos mais duas eles tinham. Imaginando que eles tinham Boccia e natação, mas tinham também mais duas atividades, imagina se tinham segunda e terça, tinham Boccia e natação, quarta e quinta tinham por exemplo, equitação ou meditação, também fizemos com eles, ou orientação, outras atividades que nós promovíamos semanalmente com esses alunos. É que além da oferta ser muito reduzida, ou seja, são duas, boccia e natação, ela não consegue atingir todos os alunos do agrupamento, só consegue atingir alguns. Se começarmos a pensar, alunos do primeiro ciclo, não terão acesso a, não frequentam, por isso...e aqui é quando se deve começar, precisamente, e neste caso só vai abranger alunos do 2º ciclo, alguns, 3º ciclo e secundário, não abrange todos os alunos, portanto é uma oferta muito condicionada, não chega a todos.</p> <p>7. Não frequentam, não frequentam. Infelizmente. Na maior parte das vezes, por exemplo quando é o 2º ciclo, o 3º ciclo e o secundário, imagina que são blocos de um 45 e um de 90 na maior parte dos casos, não é em todos, os alunos só frequentam os blocos de 45 minutos, ou seja, os de 90 não frequenta. Estou a falar da maior parte dos casos não que dizer que aconteça em todos. Ou seja, aí o tempo de prática de educação física incluídos numa turma, da qual eles fazem parte também é reduzido.</p>
Gestão da universalidade	Perceber a realidade do AEJNV no que respeita ao trabalho com crianças com deficiência/limitações	Perceção das dificuldades	<p>8. Quantas horas semanais têm de educação física?</p> <p>Para o 2º e 3º ciclo são três blocos de 45, para o secundário, se for ensino regular serão dois blocos de 90 e depois tem os profissionais que é o que alguns alunos frequentam que é um loco de 90 por semana.</p> <p>9. Há pelo menos mais dois.</p> <p>10. Eu julgo que o grande problema da atividade física adaptada, nas escolas é que não existe um diagnóstico correto das características desses alunos. Ou seja, eu não sei o que é que um aluno com uma determinada característica consegue fazer em termos de atividade física, imaginando, porque não tenho formação específica da atividade física adaptada, imaginando, um aluno com síndrome de down ou síndrome de asperger, quais são as capacidades que tem para desempenhar atividade física, e num grupo. Aquilo que eu faço é, tento saber, fazer uma avaliação diagnóstica daquilo que o aluno consegue fazer, para depois o integrar com a turma em jogos condicionados, ou seja, se ele consegue fazer determinadas atividades, aquilo que eu promovo é atividades condicionadas às capacidades dele, como é óbvio, se calhar levantam-se outras questões, se calhar eu estarei a prejudicar os outros alunos, que eu não julgo</p>

			<p>que seja isso, porque eles conseguem adaptar-se e conseguem desenvolver também as suas capacidades. Agora aquilo que acontece é depois de fazer esse diagnóstico, é que eu consigo integra-los na turma. Por vezes não consigo da melhor forma, também assumo que não consigo, porque também não tenho a formação específica nessa área, mas que eles estão sempre integrados de acordo com as suas características, estão. Nem que seja, imaginando que, há um aluno que gosta de jogar futebol, eu não sou adepto de promover o ensino de futebol na educação física, mas se há um aluno com necessidades educativas que gosta de jogar futebol, mas que desenvolve a sua atividade sozinho, aquilo que acontece é ele estar a jogar futebol enquanto os outros jogam basquete. Por exemplo, ele está com uma bola de futebol, vê o envolvimento, mas os outros estão a jogar basquete, e aquilo resulta bem, o único cuidado que tenho de ter é os outros não chocarem com ele. Mas ele que gosta de jogar futebol, corre a trás da ola e marca golos, etc, ele tem de desenvolver a sua atividade e está integrado na turma, os outros andam ali, à volta dele e gritam com ele, «e passa e isto...», mas normalmente são todos integrados em todas as atividades, imaginando, fins de escola, testes de vai vem os alunos que normalmente não têm grandes capacidades, mas eles se forem puxados pela mão, conseguem realizar alguns percursos e os primeiros, sete percursos, como eu costumo dizer, os alunos ditos normais, conseguem fazer razoavelmente bem, sem dificuldade, a andar, eles conseguem fazer isso. Portanto se eles puxarem pelos outros para atingir esses objetivos, portanto estão integrados, estão incluídos em tudo e estão na atividade. Depende da nossa atitude. Em termos de atividade física ou da educação física, como é óbvio há a adaptação dos currículos, portanto em relação às competências ou às aprendizagens essenciais adaptamos aquilo que os alunos conseguem fazer às aprendizagens que são estipulas para esses alunos.</p> <p>10. Uma das competências gerais da disciplina de educação física é precisamente a cooperação com os outros para a promoção do sucesso, ok, portanto, essa logo, sendo geral está sempre presente, isso não temos de explicar aos alunos, portanto a gestão, a partir do momento em que isso está implícito nos critérios de avaliação inclusive, é puramente pacífico, que depois há alunos mais predispostos para trabalharem com estes alunos do que outros, é um facto, mas isso é como em tudo na vida, portanto não temos que estar preocupados com isso. Não nos podemos esquecer que as adaptações curriculares que existem para estes alunos não têm que ser obrigatoriamente, adaptações curriculares de situações graves, ou totalmente impeditivas, em relação às outras, que são as chamadas ligeiras ou moderadas, e que nós também temos de fazer essa adaptação e promover precisamente a aquisição de competências para esses alunos. Aquilo que tem de acontecer é ajudarem-se uns aos outros. A questão de os alunos mostrarem as habilidades é mais no 2º e 3º ciclo, no secundário já não acontece isso, pode haver uma discriminação. Depende. Se a educação física for incluída no primeiro ciclo, torna-se um hábito para o</p>
--	--	--	--

			resto dos alunos e torna-se mais fácil. Claro que depois, tu impões as tuas regras, e eles adaptam-se facilmente, todos, quer seja com necessidades quer não seja.
Importância da prática desportiva adaptada	Conhecer a perspetiva do entrevistado no que respeita ao papel da sociedade na deficiência	Envolvimento da criança/jovem com deficiência na sociedade	<p>11. Eu acho que em São Brás de Alportel e em Portugal, tem de mudar a perspetiva que a inclusão é nós darmos alguma atenção a pessoas com essas características, a inclusão só existe se eles estiverem incluídos na sociedade, se eles funcionarem numa pequena micro sociedade, que é o que acontece normalmente, estão muito isolados, então eles não têm socialização nem desenvolvem uma das características ou uma das competências que deveriam desenvolver obrigatoriamente, nomeadamente a socialização. O que acontece é que eles estão sistematicamente naquilo a que eu chamo, uma bolha, e, portanto, funcionam pura e simplesmente lá, porque são mais fáceis de controlar, porque não temos de lidar com os outros, porque não é, lidar com os outros com aquele tipo de população é muito difícil, muito difícil, mas não é impossível. Se tiverem ostracizados tudo corre bem, ninguém se queixa, mas a vida segue e portanto, dizemos que eles depois têm n competências, mas não têm porque nos só desenvolvemos competências quando estamos em sociedade, por exemplo, os Jogos Olímpicos que estão a decorrer agora, só ocorrem porque existe uma sociedade totalmente aberta, se não, era só para dois ou três, e hoje em dia não, está o mundo inteiro quase presente nos Jogos Olímpicos. O aluno com necessidades educativas é igual, ou seja, eles só conseguem desenvolver todas as competências possíveis para eles, se estiverem em sociedade, se não estiverem, não desenvolvem, o que acontece é que estão habituados a estar sozinhos numa bolha.</p> <p>12. Em São Brás de Alportel, não existe, mas em termos nacionais existe, projetos extremamente interessantes de atividade de Boccia, em que pura e simplesmente, juntam as pessoas com necessidades educativas especiais com os seniores, ou seja, os seniores que gostam muito, aqui no Algarve é mais petanca, mas do Sul para cima, a atividade de federação que existe para os seniores é o Boccia e aquilo que acontece é que o Boccia está associado aos miúdos com deficiência e aos seniores. Quando eu digo que está associado, é convivem todos juntos, estão todos no mesmo clube, na mesma instituição. Os casos de sucesso são os que conseguem conciliar, porque os outros são mais ativos, conseguem conciliar com duas populações totalmente compatíveis, não é, porque se pensarmos, os seniores são normalmente avós e como nós sabemos os avós são aqueles que têm mais paciência para os netos, aquilo que acontece é que existem competências que se desenvolvem a esse nível. Em termos europeus há uma regra em alguns países que é construção de um lar ou de uma creche que é um centro infantil em que está sempre interligada a essas duas populações, ou seja, só pode ser construído se tiverem as duas juntas, então o que é que quer dizer, o lar tem sempre as crianças a fazer barulho e as crianças têm sempre os seniores a dar-lhe um apoio, seja a fazer hortas, seja a fazer comida, seja a transmitir conhecimentos mais antigos,</p>

			<p>etc, e isso em alguns países europeus é um facto, em Portugal é que se separa muito as coisas, quando não devia ser, podem conviver. Não têm de comer no mesmo tipo de mesa, porque não é viável, não têm de fazer as mesmas atividades, mas há muitas que podem ser em comum, e toda a gente tem a ganhar.</p> <p>13. Eu acho que, até porque promovi três ações de formação em São Brás de Alportel em parceria com a Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência, uma ligada ao boccia, outra ligada ao basquete em cadeira de rodas, andebol em cadeira de rodas e foi-me dito pelos responsáveis da federação, que São Brás reunia todas as condições para criar essa oferta, o dilema em relação à criação em São Brás de Alportel é o transporte das pessoas com deficiência para São Brás de Alportel, e quem diz São Brás de Alportel diz outro lado qualquer do Algarve, ou seja, aquilo que existe de condicionante ao desenvolvimento do desporto adaptado em termos Algarvios é precisamente o transporte. Só existe o andebol em cadeira de rodas em São Bartolomeu de Messines que tem inclusivamente campeões do Mundo. É a Junta de Freguesia consegue assegurar o transporte de muitas pessoas, em transporte com carrinhas adaptadas. O basquetebol que havia em Faro, acabou, e acabou porque as pessoas não tinham forma de se deslocar, se as pessoas não estão lá, não se pode desenvolver nenhuma atividade física adaptada, não é, temos de arranjar uma forma das pessoas estarem nesses locais, porque nem toda a gente tem condições de poder deslocar os seus para os locais onde se realizam essas atividades. São Brás em termos físicos e logísticos, tem espaço, etc, tem condições, agora o transporte das pessoas. Se eu tiver um filho com uma determinada deficiência, será que eu consigo trazer o meu filho, imaginando dos Machados até São Brás de Alportel. Só consigo se eu tiver carro em condições para o trazer, se não tiver carro não o consigo pôr cá. Portanto, isso tem de ser sempre uma situação a ter em conta para a criação de qualquer modalidade desportiva adaptada. Não pode haver oferta se não há população. Tem de ser feito um levantamento, eu não sei se já existe, das pessoas com deficiência em São Brás de Alportel, no concelho. Depois de se fazer esse levantamento é que perguntar, fazer um questionário muito simples, de qual era a atividade física que gostava de praticar e os horários. A partir daí, começar a pensar em oferecer uma atividade física adaptada a essas pessoas, que não tem de ser a todas porque não se consegue atingir todas, porque os gostos e as apetências vão variar, mas se houver um número significativo de pessoas que consigam praticar uma atividade, porque não. Até porque não é massivo, nunca é uma atividade massiva.</p> <p>14. Eu sou um bocado suspeito e eu acho que a maior responsabilidade nessa área caberá ao agrupamento, ou seja, o agrupamento é onde estão todos os alunos, desde o pré-escolar até ao ensino secundário e então terá de ser obrigatoriamente o agrupamento a promover isso, porque é onde eles estão. Claro que quando eu digo que tem de ser o agrupamento, não quer dizer que tenha de ser de uma</p>
--	--	--	--

			<p>forma autônoma, tem de se estabelecer uma parceria com várias entidades e instituições, nomeadamente a autarquia para conseguir fazer isso, agora que se deve começar precisamente por aí, isso ai não tenho dúvida nenhuma que deve começar +elo agrupamento, porque é onde estão sempre todos os alunos, acho que é a melhor forma é através do agrupamento. Eles estão sempre na escola, a um KIDS, a uma Santa Casa, não vão todos os alunos da escola, e provavelmente não vai nenhum que tenha algum tipo de deficiência, portanto, na escola, estão todos. Portanto, temos de ser eficazes, que seja sempre através da escola, é onde eles estão. Eu acho que o maior problema é as pessoas que têm nos seus agregados essas crianças. Se eu não promover a inclusão, mais ninguém o irá promover por mim, é um ponto assente. Eu não acho que sejam os outros que têm de fazer sempre esse papel inclusivo, tem de ser quem tem essa situação. Mas também tem de lutar. Imagina se eu fosse encarregado de educação de uma criança ou de um jovem que tivesse essas características, eu iria questionar a escola, muitas vezes porque é que o meu filho, ou o meu educando, não teria direito a todas as atividades como os outros. Imagina o meu filho vai para a escola, no 1º ciclo, eu quero que ele tenha atividade física. Independentemente de ele ter uma dificuldade A, B ou C. A escola tem de assegurar isso. Eu quero saber a qualidade dos serviços que lá estão. Eu não quero que o meu filho esteja numa sala sistematicamente sentado a pintar, a desenhar a utilizar materiais. Portanto, eu não quero isso para o meu filho, decididamente. Portanto, aquilo que eu queria era que ele tivesse integrado, numa turma, nem que esteja lá só a ouvir, se ele não fizer barulho já não é bom para não incomodar os outros, ou para não perturbar o desenvolvimento dos outros, mas os pais é que têm de lutar por isso, e enquanto isso não acontecer, enquanto os pais não fizerem barulho, esta situação não muda. Não é os outros que estão a nossa volta que estão mal, não, somos nós que temos de lutar. Qual é a qualidade que me estão a dar. Ou seja, o meu filho tem educação física, o que é que ele é capaz de fazer, o que é que não é capaz, porque eu sendo pai, não tenho que saber tudo sobre a patologia do meu filho, não é. Numa situação normal, o meu filho vai para a escola, eu não tenho de saber física e química, matemática, português, etc, da mesma forma em relação a um filho que eu tenha com necessidades educativas, eu não tenho de saber como se desenvolve isto e isto e isto, para isso é que está lá a escola. Portanto, isso tem de partir daí, do papel dos pais, que têm de partir do pressuposto também que a escola não é um passatempo, ele tem de aprender.</p>
--	--	--	--